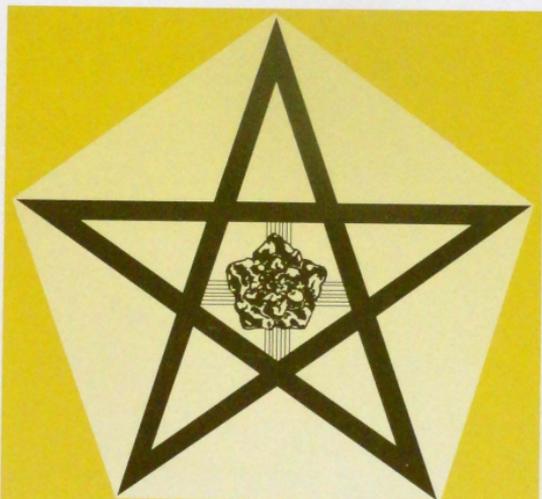


# PENTAGRAMA

*Revista bimestral do*  
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

*Ano vinte e dois — Maio/Junho*



2 0 0 0

POR QUE O  
"FAUSTO" DE  
GOETHE EM  
PENTAGRAMA?

DE HOMEM  
AMALDIÇOADO A  
HOMEM REDIMIDO

A HISTÓRIA  
DO DR. FAUSTO

"OUÇO A MENSAGEM,  
SIM, FALTA-ME A FÉ,  
NO ENTANTO"

O ANSEIO PELA  
VERDADE LEVA À  
REALIZAÇÃO

NÚMERO 3

"LEMBRAI QUE  
É VELHO O DIABO  
ANTIGO, VELHOS  
FICAI, POIS, PARA  
COMPREENDÊ-LO!"

CIÊNCIA COMO  
RESPOSTA À BUSCA  
EXTERIOR

GRETCHEN E HELENA

AS AVENTURAS DO  
DR. FAUSTO SEGUNDO  
GOETHE

POR QUE  
GOETHE CRIOU SEU  
FAMOSO "FAUSTO"?

# PENTAGRAMA

TEMA DESTE NÚMERO:

## FAUSTO DE GOETHE

“Fomenta-me no peito intenso fogo  
Que por aquela linda imagem arde.  
E assim, baqueio do desejo ao gozo,  
É no gozo arfo, a ansiar pelo desejo.”

(*Fausto*, p.~152)



ÍNDICE

- POR QUE O “FAUSTO” DE  
GOETHE EM PENTAGRAMA?  
DE HOMEM AMALDIÇADO  
A HOMEM REDIMIDO
- 10 A HISTÓRIA DO DR. FAUSTO
- 26 “OUÇA A MENSAGEM,  
SIM, FAÇA-ME A FE, NO  
ENTÃO”
- 29 O ANSEIO PELA VERDADE  
LEVA A REALIZAÇÃO
- 30 “LEMBRAI QUE É VELHO O  
DIABO ANTIGO, VELHO  
FICAL, POIS, PARA  
COMPREENDÊ-LO!”
- 33 CIÊNCIA COMO RESPOSTA  
A BUSCA EXTERIOR
- 36 GRETCHEN E HELENA
- 39 AS AVENTURAS DO  
DR. FAUSTO SEGUNDO  
GOETHE
- 45 POR QUE GOETHE CRIOU  
SEU FAMOSO “FAUSTO”?

2000  
ANO 22  
NÚMERO 3

Fotos às págs.: 11, 13, 15,  
21, 32, 37 e 41: Archiv  
für Kunst und Geschichte,  
Berlín

# POR QUE UMA EDIÇÃO SOBRE O FAUSTO DE GOETHE?

*Na Europa e nas regiões culturais que lhe são afins, gerações inteiras cresceram com o Fausto de Goethe. Na Alemanha de hoje, as crianças ainda decoram trechos do Fausto na escola. Em outros países, professores de alemão fazem seus alunos citar partes do «Fausto» como prova de seus conhecimentos na língua alemã. A língua de Goethe e sua representação do drama do doutor Fausto ainda são um marco na literatura, sobretudo para a geração mais idosa. Contudo, o tempo corre, e o ser humano moderno não se dirige somente para o passado. Assim como Goethe, ele quer abarcar também o presente e o futuro. Goethe procurava ligar o passado a sua própria época e, assim, indicar algo do futuro, a fim de, o quanto fosse possível, abrir novos caminhos.*

O tema Fausto, tal como é descrito neste número de Pentagrama, já tem centenas de anos. Goethe foi um dos poetas geniais que tanto descreveu o caminho de vida desse «doutor diabólico» como também conseguiu dar-lhe outra expressão. Na versão mais antiga, Fausto é lançado ao Inferno. Na versão de Goethe, ele escapa, por fim, das garras de seu opositor.

Assim, Fausto é também um drama em desenvolvimento. É o drama do ser humano, que se sabe estar ligado à matéria e, não obstante, reconhece em medida crescente que deve haver outro mundo além do mundo de alegrias e sofrimentos terrestres. Neste drama, certamente não é possível apenas uma inter-

pretação. Por isso, não é de admirar-se que tantas pessoas se tenham esforçado, tanto na época de Goethe como depois, para explicar seu drama e, sobretudo, os motivos por trás dele. Muitas dessas interpretações são, em grande parte, meras transcrições de explicações anteriores, que foram transformadas em versões melhores ou piores mediante um pouco de molho e cor.

Todavia, também há interpretações que se opõem de maneira flagrante. Por exemplo: uma considera que Gretchen (Margarida) é a nova alma que se libertou da vida terrestre; outra, «a alma da vida terrestre». E Goethe sorri, como qualquer artista cuja obra é julgada por leigos. Ele não deixou que lhe arrancassem o segredo da verdadeira razão que o levou a escrever o drama de Fausto, que certamente contém facetas de sua própria vida. Assim, somos da opinião de que não deveríamos simplesmente adotar interpretações existentes, porém tomar a liberdade de ver a história do doutor Fausto como um drama de vida do buscador da verdade. Nisso, servimo-nos das palavras inimitáveis que Goethe utilizou para dar expressão a sua visão. Nesta revista Pentagrama, o leitor poderá seguir mais ou menos os passos de seu *Fausto*, contudo sem todas as minúcias duvidosas e imagens desconcertantes que dificultam o acesso sobretudo à segunda parte dessa obra. Com esta edição de Pentagrama, esperamos lançar uma nova luz sobre a mensagem espiritual de que está entremeada a história do doutor Fausto.

N.B. Tradução das citações de Fausto segundo Jenny Klabin Segall, 4ª Edição, Editora Italiana Limitada, Belo Horizonte, MG, Brasil

A redação de PENTAGRAMA

# DE HOMEM AMALDIÇOADO A HOMEM REDIMIDO

*Desde a época de Roma, a figura de Fausto acompanha o ser humano ocidental. Em todos os séculos, as diversas variantes desse tema determinaram a compreensão de sua origem e de seu objetivo de vida.*

Alguns fatos da vida do dr. Fausto provêm já da época da fundação de Roma. Trata-se de um conhecimento sutil e diferenciado sobre os segredos do ser humano. O pastor Fáustulo encontra uma loba que amamenta duas crianças gêmeas. Seu nome é o diminutivo do substantivo latino «*faustus*» = feliz, favorável.

Os irmãos gêmeos tinham sido jogados no Tibre em uma pequena cesta, que encalha em um covil de lobos. A loba toma os dois meninos como suas crias e cuida deles, até que Fáustulo os acha e leva consigo para casa. Os meninos, Rômulo e Remo, são filhos de rei banidos e herdeiros de um reino. Após terem ajudado seu avô destronado a voltar a governar, eles fundam duas cidades nas proximidades do covil de lobos.

Rômulo representa a personalidade terrestre. Ele mata seu irmão e dá seu nome à cidade recém-fundada. Ele é o rei terrestre, completamente deste mundo. Remo — do latim «*remus*» = remo — designa um atributo do deus Saturno dos mistérios romanos. Ele é morto porque salta sorrindo sobre o muro da cidade do irmão. Nos mistérios, Remo-Saturno continua a viver. Ele é o rei divino, que não é deste mundo.

Essa história mostra de maneira exemplar a essência dos futuros soberanos de Roma. Na verdade, os impe-

radores romanos têm a ilusão de que são «césares», ou seja: personalidades divinizadas. Portanto, em segundo plano, apresenta-se a idéia do terrestre e do celeste, a dualidade apresentada simbolicamente pela cruz: o braço horizontal representa o terrestre, e o braço vertical, o celeste.

## O DEUS FAUNO E FAUSTO

O antigo deus italiano Fauno tem no nome a mesma raiz que o nome Fausto: «*favere*», que significa protegido dos deuses, feliz. A palavra «favorito» também deriva daí. Fauno é filho de Marte e sobrinho de Saturno. Ele é comparado com o Pã e o Sátiro gregos. É interessante notar que — apesar de mitologicamente não haver nenhuma correlação — nossa idéia do Diabo remonta a Fauno: é um ser semelhante ao homem, com chifres de cabra, pés e cauda de bode. Na mitologia, Fauno é, geralmente, uma manifestação divina. Fauno e Remo são figuras aparentadas: eles garantem a presença do divino no mundo. Assim, é natural supor que cometemos aqui uma espécie de demonização da tradição secreta dos mistérios através da Igreja.

Outro grande homem de nome Fausto é o bispo maniqueu Fausto de Mileva, uma cidade na Tunísia. Ele escreveu um livro sobre os erros da Igreja, que o pai da Igreja, Agostinho (354–430), tentou revidar em seu livro *Contra Fausto (Contra Faustum Libri XXX)*. Agostinho, cujo nome se originou do imperador Augusto, foi também aluno dos maniqueus durante dez anos. Como os livros e os escritos dos maniqueus foram todos destruí-

dos, ele é praticamente a única fonte — suspeita — dos dados disponíveis sobre o maniqueísmo. Entrementes, no Turfão, na rota da Seda, e no Egito, foram feitas descobertas importantes, que proporcionaram uma visão bem diferente do maniqueísmo e do impacto que ele causou (ver Pentagrama 5/1999).

Fausto de Mileva foi caluniado por Agostinho, que descreveu a religião da Luz como trevas da idolatria. Ele condenou a «*curiositas*», a curiosidade dos gnósticos. Até o presente essa idéia falsa permaneceu ativa. A palavra «maniqueu» era outrora sinônimo de herege. A verdade foi alterada e, por iniciativa das autoridades, fez-se um demônio a partir de um buscador de Deus.

#### O FAUSTO CONTEMPORÂNEO

A lenda de Fausto já é conhecida na Europa faz cinco séculos. Nesses séculos desenvolveu-se o tema do ser humano que luta contra os elementos e anseia por poder. O poeta renascentista inglês Christopher Marlowe (1564-1593) viu em Fausto alguém com volúpia de poder. O autor teatral espanhol Pedro Calderón de la Barca (1600-1681), no «*El mágico prodigioso*» (O mágico prodigioso), como um cavaleiro e um pensador. O prêmio Nobel Thomas Mann (1875-1955), em seu livro *Doutor Fausto*, projetou o caráter de Fausto em um grande músico. E Goethe (*Fausto primitivo*: 1774-1775; *Fausto I*: 1808; *Fausto II*: 1832) descreve-o como um sábio inquieto, que sente como insuportável ser apenas um homem. Goethe elaborou a vida do dr. Fausto de maneira tão ampliada e profunda que o buscador da verdade pode reencontrar e experimentar muitas de suas próprias experiências. O dr. Fausto de Goethe influenciou fortemente a Europa ocidental.

A primeira parte do drama *Fausto* de Goethe é uma peça de teatro popular, que faz referências a partes da *História do doutor João Fausto*, de Johann Spies. Este livro apareceu em 1587 em Berlim.

Naquela época, a história do dr. Fausto já era um tema conhecido e apreciado. Goethe parece ter tirado os dados subjacentes mais profundos de seu «Fausto» da própria vida. Qual é o autor que não descreve também sua própria consciência? Goethe terminou a segunda parte do *Fausto* 24 anos após a primeira parte. A segunda parte possui uma atmosfera completamente diferente e é um quebra-cabeças difícil até mesmo para vários intérpretes mais esclarecidos e informados.

Às vezes, o *Fausto I* é comparado com o Antigo Testamento da vida de Goethe, e o *Fausto II*, com seus esforços de realizar, em vida, o Novo Testamento. Gilles Quispell escreveu em seu ensaio «Fausto e Hermes»: «*Goethe vê unicamente a Sophia. Graças à gnose e ao hermetismo, ele descobriu após uma incubação de 62 anos, uma quarta dimensão em Deus*».

Muitas opiniões já foram expressas sobre a concepção faústica de Goethe. Nossa intenção não é simplesmente comentar as idéias do grande poeta e pensador alemão, e sim servir-nos de sua visão, que é uma pintura viva e emocionante da vida de um buscador, pois Fausto encarna o buscador da verdade, um homem que remexe céus e terras a fim de responder a suas motivações interiores. É por isso que a tragédia de Fausto não se limita ao domínio da lingüística e das qualidades literárias nem é propriedade apenas dos alemães, porém possui significado importante para o ser humano contemporâneo. Com o *Fausto*, Goethe verdadeiramente deixou sua marca no pensamento europeu.

Na primeira parte do drama, Fausto recebe sua missão.

Em seguida, ele luta para adquirir compreensão e conhecimento, concluir



um pacto com seu opositor interior (Mefistófeles) e apaixonou-se por Margarida.

A primeira apresentação do *Fausto I* de Goethe ocorreu em 1829, em Braunschweig, três anos antes de sua morte. Goethe trabalhou em sua *Fausto II* quase a vida toda. Um ano antes de morrer, ele selou o manuscrito. E somente 23 anos após sua morte a peça foi encenada pela primeira vez, em Hamburgo. O *Fausto II* é maior e mais difícil que o *Fausto I*.

Como já foi dito, o livro *História do doutor João Fausto* apareceu em 1587, durante a Renascença.

Trata-se de uma espécie de propaganda de círculos protestantes em que o próprio Lutero servia como o protótipo do exorcista.

Ainda hoje, em Wartburgo (cidade onde Lutero fez sua tradução alemã da Bíblia), é mostrada uma mancha numa parede como sendo a tinta do tinteiro que Lutero teria atirado no Diabo.

O Fausto da *História do doutor João Fausto* originava-se da classe lavradora e, como era uma criança superdotada, foi subvencionado por um parente rico, de modo que pôde estudar em Wittenberg, como Lutero. Não se satisfazendo com o Novo Testamento e com a Teologia de sua época, estudava também escritos caldeus, persas, árabes e gregos. Seus opositores censuravam-lhe sua indiscrição e sua liberdade de querer investigar todas as coisas no céu e na terra e tomavam-no por louco.

Segundo a concepção ortodoxa, seu caminho apenas podia levar a um pacto com o Diabo, com Mefistófeles, que é «aquele que não ama a luz».

A História do doutor João Fausto tem três partes: primeiro, são narrados o nascimento e os estudos de Fausto e de como ele se afasta, por isso, do estudo da Teologia, para tornar-se um doutor em Medicina. Como médico, astrólogo e matemático, ele faz um pacto com o Diabo, que lhe responde perguntas sobre Lúcifer e o reino infernal.

A segunda parte narra as aventuras de Fausto. Daí em diante, trata-se de questões da Astrologia e da Astronomia. Além disso, Fausto viaja com Mefistófeles ao Inferno, às estrelas, a vários reinos, a cidades notáveis e a países distantes.

A terceira parte trata da magia negra de Fausto e de sua morte.

## A LENDA DE FAUSTO

Na lenda de Fausto, há vários elementos que também aparecem nas lendas de deuses e heróis germânicos. Portanto, não é de admirar-se que Fausto se tenha tornado um herói popular.

Reis e heróis míticos eram animados por forças divinas e, como servidores de Deus, traziam essas forças ao mundo.

Quando o cristianismo foi introduzido entre os germanos pela força, a Igreja transformou as figuras míticas em demônios diabólicos, dos quais se tinha de manter distância. Assim o medo do Diabo foi inculcado nas pessoas. Contudo, os alemães não queriam ver Fausto como malfeitor, porém como um espírito grandioso e profundo. Segundo as palavras de Lessing, a Alemanha estava «apaixonada» por seu dr. Fausto.

O povo não admirou Fausto porque seu pacto era uma ligação com o mal, senão porque ele foi atraído por algo maior, pelo conhecimento do mundo e pela aquisição de forças misteriosas. Por isso, Fausto colocou em jogo seu destino pessoal, assemelhando-se assim aos heróis antigos, que se sacrificavam a seu deus.

## FAUSTO NA INGLATERRA

A influência do livro alemão do Fausto chegou até a Inglaterra protes-

## DE ONDE O NOME SATANÁS PROVÉM

O nome Satanás deriva da palavra hebraica *Ha-Satan*, que significa «opositor». No Antigo Testamento, esta palavra é usada exclusivamente para os inimigos de Deus ou dos israelitas em geral. O Diabo não era qualificado como o «mal».

Somente por ocasião da compilação do Novo Testamento, a partir de livros e escritos que provinham da época após a morte de Jesus, foi que *Ha-Satan* teve de desempenhar o papel pelo qual o conhecemos atualmente. No princípio, ele era um anjo que perdeu a graça de Deus e, junto com outros anjos rebeldes, foi expulso do céu pelo arcanjo Miguel.

João fundamenta seu Apocalipse no «Livro de Enoque», que pertencia ao ideário dos primeiros cristãos. Uma vez que Satanás era admitido como o arquiniimigo de Deus, os cristãos aprenderam a considerá-lo como a raiz de todo o mal.

A palavra «diabo» provém do grego *diabolos*, que significa «acusador», «caluniador» ou «aquele que acusa». A história de Adão, Eva (Enki e Enlil sumérios) e a serpente somente adquiriu uma aparência de astúcia, sedução e traição no cristianismo.

Não é por acaso que os maniqueus — e mais tarde os cátaros — foram

perseguidos pela cristandade, pois eles pregavam que o bem e o mal estavam presentes no próprio ser humano e eram ramos da mesma árvore. Cada ser humano pode decidir com que ramo ele deseja ligar-se. A Igreja cristã disfarçou Satanás no corpo da serpente e acrescentou-o à história de Adão e Eva. Essa equivalência entre Satanás e a serpente não pode ser encontrada em nenhum lugar do Gênesis. Contudo, a serpente é vista no cristianismo como enviada de Satanás ou como o próprio Satanás.

A imagem de Satanás provém de Isaías 14:12: «Como caíste do céu, ó Estrela d'Alva, Filho da Aurora!» Aí é definida a imagem da Estrela d'Alva (Vênus) decaída como «portador de luz». Surgiu daí, na tradução latina, «Lúciŕer», que surgiu na Bíblia Vulgata e, 1300 anos mais tarde, como o malvado Satanás no Paraíso Perdido de John Milton. É o mal que reivindica a alma de todos os que não são absolutamente obedientes à Igreja. Para que esse plano desse certo, era importante que as pessoas acreditassem que Satanás existia desde os primórdios dos tempos. O único problema nisso era que o Gênesis não o cita uma vez sequer.

tante, onde Christopher Marlowe (1654–1593) escreveu sua tragédia «The Tragical Historie of Doctor Faustus» (A trágica história do doutor Fausto). Certamente seu Fausto era um erudito sério, a quem interessava dinamitar as fronteiras científicas prescritas pelas autoridades, um homem renascentista, cujas pesquisas não se originavam de um desejo egoís-

ta de poder, sendo descritas como exemplares.

Assim como o Fausto da História do doutor João Fausto, ele também estava destinado ao declínio infernal, porém, em sua queda, era lamentado pelo coro: «O rebento que brotara belo e promissor foi partido; o ramo de louro de Apolo, que cingia de verde a cabeça desse homem, foi queimado».



«O nobre espirito  
está salvo...»  
[447]. Fausto, se-  
gunda parte.  
J.W. von Goethe.  
1831. Desenho de  
Engelbert Seibertz  
(1813-1905).  
Foto AKG, Berlim.

Bastante interessante é que esse Fausto trágico fracassou nos palcos da Alemanha, onde era encenado desde 1597. É que a História do doutor João Fausto, que naquela época já tivera um número colossal de tiragens, tornara-se em um lugar-comum. Por fim, o Fausto de Marlowe era encenado

unicamente em teatro de marionetes. Foi sob essa forma que o jovem Goethe conheceu o tema Fausto.

O Fausto de Goethe é redimido. Goethe corrigiu as distorções do personagem.

Como seres humanos terrestres, por natureza, estamos em ligação com o

Diabo, quer o queiramos, quer não. Goethe libertou Fausto das garras de seu opositor e mostrou-lhe um futuro novo. A «curiosidade» que o ser humano terrestre mostra em sua vida não pode ser considerada como pecado, porém é expressão de seu anseio pelo absoluto. A história de Fausto descreve como o ser humano tenta satisfazer este desejo esforçando-se para adquirir conhecimento e poder terrestres. Contudo, nessa busca, sempre chega o momento em que ele pode escolher o caminho para a vida superior. Fausto toma esse caminho mais elevado. É um senda diferente daquela do ser humano normal, que segue docilmente pelos trilhos de seu destino terrestre. Fausto livra-se do curso horizontal das coisas e continua a aspirar ao absoluto.

O caminho para o alto provoca horror em todos os que não conhecem esse anseio: horror porque temem ser confrontados com o elemento que se opõe a essa aspiração: Mefistófeles.

Entretanto, o Diabo somente aparece quando ingressamos no caminho para Deus.

O encontro com o Diabo é um símbolo espiritual. O Diabo é a dúvida, o semeador de discórdia, que sempre faz o ser humano duvidar se realmente encontrou a verdade.

O Criador mostra suas obras ao ser humano, deixa que ele experimente a força antagonista e estimula o desejo pela luz.

Quando Fausto chega ao fim da vida, após todos os seus erros, o que é imortal nele é libertado do mundo dos sentidos.

Ele deixa este mundo na qualidade de doutor Marianus. A palavra «doutor» significa instrutor. Portanto, deve evocar e ampliar o conhecimento de outras pessoas. Agora, sua tarefa é servir à Prima Materia, à causa primeira divina.

Assim, podemos dizer que Fausto, na forma que Goethe lhe dá, pôde avançar um degrau na escala do desenvolvimento.

No ponto mais baixo de sua vida, ele passa da maldição à libertação, do estado de servidor inconsciente ao estado de servidor consciente de Deus e da humanidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Alford, Alan F. - *God of the new Millenium.* - Hodder & Stoughton, London, 1996.

Augustinus, Aurelius. - *Contra Faustum (Contra Faustum Libri XXX)* -.

Collins, Andrew. - *From the Ashes of Angels. The forbidden Legacy of a fallen Race.* - Michael Joseph, London, 1996.

Füssel, Stephan [Editor]. - *Historia von D. Johann Fausten* - (História do dr. João Fausto). Reclam, Stuttgart, 1996.

Gardner, Laurence. - *Genesis of the Grail Kings.* - Bantam Press, London, 1999.

Goethe, Johann Wolfgang von. - *Faust, der Tragödie erster und zweiter Teil; Urfaust.* - Editado e comentado por Erich Trunz. Beck, München, 1996.

Goethe, Johann Wolfgang von. *Fausto.* Tradução de Jenny Klabin Segall. Itatiaia, Belo Horizonte, 1997. Os números dados entre colchetes ao longo da revista referem-se às páginas desta edição.

Livius, Titus. - *Römische Geschichte seit Gründung der Stadt.* - Editado e traduzido do latim por von Heinrich, Dittrich. Aufbau, Berlim, 1978.

Marlowe, Christopher. - *The tragicall history of Doctor Faustus* - (A história trágica do doutor Fausto). Folio Society, London, 1993.

Menge, Hermann. - *Lateinische Synonimik.* - Winter, Heidelberg, 1988.

Schwab, Gustav. - *Das Volksbuch vom Doktor Faustus* - (O livro popular do doutor Fausto) Der Morgen, Berlim, 1988.

«Das Puppenspiel vom Doktor Johannes Faust» (O teatro de marionetes do doutor João Fausto). Insel, Leipzig, s.a.

# A HISTÓRIA DO DOUTOR FAUSTO

*A versificação da história do doutor Fausto é o trabalho de uma vida do poeta e pensador alemão Johann Wolfgang Goethe (1749-1832). Assim como na Bíblia, nas narrativas de Homero, na lenda de Parsifal e em inúmeras histórias, trata-se aqui de um aspecto da Doutrina Universal. O tema é atemporal e sempre permanece cativante. Seu núcleo espiritual influenciou por séculos o pensamento na Europa ocidental.*

A vida de Goethe esteve sob o signo da aspiração ao discernimento e ao conhecimento. E a consciência relacionada a isso expressa-se em sua interpretação da história da vida do doutor Fausto. Goethe nunca esclareceu exatamente o que ele tencionava com seu Fausto, mas muitos escreveram minuciosamente sobre seus motivos. Em uma conversa com seu secretário, Johann P. Eckermann, Goethe disse que escreveu o Fausto de maneira que ele fosse interessante também para o ser humano orientado puramente segundo os sentidos. Para o leitor que se interessa mais pelo lado espiritual da vida, a segunda parte possui uma força de expressão maior, porque nela muitos aspectos filosóficos importantes são trabalhados. Por causa das alusões mais ou menos ocultas, a segunda parte do Fausto frequentemente é de acesso difícil e por

isso é interpretada apenas muito superficialmente.

Reconhecer o caminho do doutor Fausto como a própria experiência de vida contudo, há também abordagens espirituais da obra-prima de Goethe. As inúmeras interpretações diferentes podem ser explicadas por diversos planos de consciência e pelo pano de fundo espiritual dos intérpretes. Elas se unificam para o leitor quando ele mesmo pode compreender e combinar as diversas visões.

Portanto, cada interpretação é a expressão da consciência do respectivo intérprete e corresponde sobretudo a seres humanos que vibram com o mesmo comprimento de onda.

Isso significa que cada leitor tem de tornar-se, por si mesmo, um Fausto para compreender a história de Fausto.

O caminho do doutor Fausto tem de ser reconhecido pelo leitor como uma experiência própria. Por meio da própria vivência dessas experiências, uma luz incide repentinamente sobre a sabedoria oculta que Goethe escondeu em seu Fausto.

Goethe procurou a verdade e deixou-se inspirar por seus impulsos. Isso alimentava sua faculdade de descrição e capacitava-o a expressar aspectos espirituais de maneira objetiva e significativa. Por exemplo: sob certas circunstâncias, o que para seus contemporâneos ainda era um pensamento vago já era uma realidade vivenciada para ele.

## A EXPERIÊNCIA É O FUNDAMENTO DA CONSCIÊNCIA

A história do doutor Fausto consiste em três partes. O prólogo esclarece

o objetivo da criação dialética. Na segunda e terceira partes, Goethe descreve o caminho que a humanidade tem de seguir a fim de poder voltar para seu Criador. As forças ativas neste processo são representadas, em seus dois aspectos, pelo arcanjo e por Mefistófeles, portanto, por forças contrárias.

Esses opostos fazem com que o ser humano busque a verdade.

Suas experiências formam o fundamento de uma consciência que aprende a conhecer e a perceber o «princípio interior, divino, imanente». Fausto representa a humanidade, que tem de aprender a servir à criação. Mefistófeles descreve-o da seguinte maneira:

*«Da terra é sempre igual o  
mísero deusito  
Qual no primeiro dia, insípido  
e esquisito,  
Viveria ele algo melhor, se da celeste  
Luz não tivesse o raio que lhe  
deste.» [36]*

Sem essa Luz (o princípio divino) o ser humano estaria plenamente satisfeito com sua existência. Ele não ansiaria por qualidades divinas tais como liberdade, amor e conhecimento.

Contudo, Fausto possui esta Luz imanente, a lembrança intuitiva, que provém diretamente do princípio divino e o estimula a descobrir os segredos mais profundos da existência. Ele serve o Criador, porque o princípio divino nele é a mola propulsora de sua busca. No entanto, ele ainda não o serve de maneira consciente. Enquanto não acha o caminho certo para a vida eterna, ele é



desencaminhado pelos opostos e tem de buscar e ponderar.

O Criador diz sobre seu servo Fausto:  
*«Se em confusão me serve ainda agora,  
Daqui em breve o levarei à luz.  
Quando verdeja o arbusto, o cultor  
não ignora  
Que no futuro fruto e flor produz.» [37]*

A luta entre as forças divinas e terrestres acontece em cada ser humano. Todavia, de antemão já é certo que o «terrestre» perderá. Mefistófeles, a soma das forças terrestres, não pode alimentar a alma imortal. Seu alimento é impróprio para a consecução da vida superior. Por isso, Mefistófeles não pode ganhar a aposta que ele faz com o Criador, seja lá qual for o artifício que ele use!

Mefistófeles desafia o Criador com as palavras:

*«Que apostais? perdereis o camarada;  
Se o permitirdes, tenho em mira  
Levá-lo pela minha estrada!» [37]*

Fausto conjura seu opositor. Gravura em cobre de 1881. Foto AKG, Berlim.

E o Criador responde:  
«Enquanto embaixo ele respira,  
Nada te vedo nesse assunto;  
Erra o homem enquanto a algo  
aspira.» [38]...

«Pois bem, por tua conta o deixo!  
Subtrai essa alma à sua inata fonte,  
E leva-a, se a atraíres pra teu eixo,  
contigo abaixo a tua ponte.  
Mas, vem, depois, confuso confessar  
Que o homem de bem, na aspiração  
que, obscura, o anima,  
Da trilha certa se acha sempre  
a par.» [38]

Embora as forças que formam a consciência de Mefistófeles obstaculizem o ser humano a retornar à Natureza divina, elas por fim irão auxiliá-lo a vencer a natureza mortal. Elas são necessárias para que o ser humano se torne consciente de sua «outra natureza»: a mônada, a qual então vencerá a Natureza antagonica.

#### AS FRONTEIRAS DA VIDA DIALÉTICA SÃO ALCANÇADAS

Na primeira parte do *Fausto*, Goethe mostra um homem que alcançou a fronteira de seu campo de vida dialético, porém ainda não pode adentrar a natureza divina. Esse «habitante da fronteira» está ocupado com sua luta por autoconhecimento e por uma consciência espiritual.

Todavia, ele se esforça diligentemente, a fim de descobrir o sentido da existência. Por isso, ele diz:

«Ai de mim! da filosofia, Medicina,  
jurisprudência,  
E, misero eu! da teologia,  
O estudo fiz, com máxima insistência.  
Pobre simplório, aqui estou  
E sábio como dantes sou!  
De doutor tenho o nome e mestre  
em artes,  
E levo dez anos por estas partes,  
para cá e lá, aqui ou acolá

*Os meus discípulos pelo nariz.  
E vejo-o, não sabemos nada!  
Deixa-me a mente  
amargurada.» [41]*

Nesse estado, Fausto é inspirado por uma ilustração simbólica do Macrocosmo em um escrito de Michel de Nostradamus. Ele pronuncia, sob determinadas circunstâncias, um ritual mágico e atravessa os véus do mundo terrestre.

Fausto aprende quais as leis espirituais que atuam por trás dos fenômenos físicos. O brilho estelar terrestre se desfaz, enquanto a alma de Fausto é iluminada. A alma que nasceu da luz imortal pode perceber a luz espiritual pura. Portanto, Fausto torna-se consciente da verdade, porém sua alma ainda não se desenvolveu o suficiente para permanecer nesse estado de iluminação. Ele pronuncia as palavras:

«Sou eu um deus? Vejo tal luz!  
Neste traçado puro imerso,  
Vejo ante a alma jazer nosso ativo  
universo.  
Só hoje entendo o sábio, o que  
deduz:  
'Do mundo espiritual não te é esfera  
estranha;  
Tens tu morta a alma, o senso  
estreito!'  
... Ah, que visão! mas só visão ainda!  
Como abranger-te, ó natureza  
infinda?  
... Tu, Gênio térreo, me és vizinho;  
alçam-se as forças em meu peito.» [43]  
«... Oculta a lua o seu clarão —  
A luz se esvai! ...  
Sinto que ao meu redor estás  
flutuando, enfim!  
Revela a face!  
Ah! como se lacera o coração em  
mim!  
Em rasgos desmedidos,  
Como se inflamam meus sentidos!  
Sinto a alma inteira a ti oferecida!  
Surge, pois! surge, sim! custe-me,  
embora, a vida!» [44]

ELE AINDA NÃO ESTÁ PRONTO PARA  
O PRÓXIMO PASSO.

Então aparece a Fausto o Gênio  
Térreo, que podemos chamar de o  
Espírito planetário da terra, como o  
princípio condutor do campo de vida  
terrestre, onde a onda de vida humana  
tem de desenvolver-se.

*Quem me invocou?...  
Chamaste-me com força austera,  
Hauriste ardente a minha esfera.  
E agora... [44]*

Fausto estremece:  
*Atroz visão! ...  
Ah! Não te aturo, não! [44]*

E o Espírito terrestre responde:

*«Olhar-me, imploras, anelante,  
Ouvir-me a voz, ver-me o fulgor;  
Cedo a essa invocação possante,  
Eis-me! — Que mísero pavor  
Te invade, ó super-homem?  
Que é do apelo oriundo  
Do peito audaz que em si gerou  
um mundo  
Zelando-o com amor?  
Que em lances de ventura  
Ousou erguer-se à nossa suma  
altura?  
Fausto, onde estás, tu, cuja voz  
me ecoou?» [45]*

Fausto aprende que, em seu estado  
mortal, não é capaz de ingressar no  
mundo da vida imortal. Ele ainda não  
está pronto para dar este passo. Por  
isso, ele se assusta com o Espírito ter-  
restre. Faltam-lhe a alma imortal  
e o Espírito divino, que está ligado  
a ela. É Ele que pode elevá-lo aci-  
ma da natureza terrestre; com seu  
auxílio Fausto pode adentrar o mundo  
divino.

Assim, o Espírito terrestre pergun-  
ta-lhe categoricamente onde está o  
*«peito audaz que em si gerou um  
mundo» [45].*



HISTOIRE  
PRODIGIEUSE ET LAMENTABLE  
DE  
JEAN FAUSTE,  
GRAND  
MAGICIEN,  
Avec son Testament,  
Etc. etc. etc.  
  
A COLOGNE,  
Chez les Héritiers de Pierre Monteur,  
M. D. C. C. XII.

DE VOLTA À NATUREZA

Quem realizou a ligação entre alma  
e Espírito pode invocar o Espírito ter-  
restre, reconhecê-lo e suportá-lo. E  
este explica sua tarefa na criação  
assim:

*«No ardor da ação, no afã da vida,  
Fluo, ondulo, urdo, ligo.  
Cá e lá, a tramar,  
Berço e jazigo,  
Perene mar,  
Urdidura alternante,  
Vida flamante,  
Do Tempo assim movo o tear  
milenário, e da Divindade urdo o  
vivo vestuário.» [45]*

Para poder ingressar no campo de  
desenvolvimento original, o ser hu-  
mano tem de possuir uma alma com-  
pletamente nova e distinta da atual.  
Uma vez que Fausto já pode reagir a  
esse princípio, ele clama espontanea-  
mente:

*«Tu, que o infinito mundo rondas,  
Gênio da ação, sinto-me um só conti-  
go!» [44]*

«Histoire prodigieuse et lamentable de Jean Fauste. Grand Magicien» (História prodigiosa e lamentável de João Fausto, grande mágico). Colônia. 1712. Foto AKG, Berlim.

Contudo, o Espírito terrestre pode apenas admoestá-lo:

*«És um, com o gênio que em ti sondas; mas não comigo!» [45]*

Fausto ainda não pode abandonar as fronteiras de sua existência terrestre. E é-lhe explicado o porquê — e isso é uma graça para ele. O princípio divino em seu coração ainda não se desenvolveu o suficiente para ele poder receber e suportar as radiações originais sem forma. Seu espírito humano é ainda muito limitado para tanto. Por isso, é-lhe mostrado em que nível sua consciência se encontra.

Wagner, o flâmulo de Fausto, é o aspecto do ser humano que tem sede de conhecimento exterior. Este aspecto domina, enquanto o «novo homem» em Fausto ainda não ressuscitou.

Então, Wagner reage com as seguintes palavras, que mostram que ele nada compreende das comoções interiores de Fausto:

*«Perdão, ouvi-vos declamando...» [46]*

Com a palavra «declamar» ele quer indicar claramente que considera as palavras do buscador Fausto exageradas, infladas e afetadas. Não pode ser de outra maneira, pois ele não é capaz de sondar sua profundidade e, assim, representa um aspecto imaturo de Fausto. Desse modo, ele corresponde — assim como todos as outras personagens no drama de Goethe — a um estágio de desenvolvimento do ser humano buscador. Partindo do fato de que «vivem duas almas no ser humano», pode-se dizer que Wagner representa a alma natural, a consciência puramente natural. Em contraposição, Fausto pode ser comparado à consciência do buscador da verdade que desperta, recebe continuamente novos impulsos e procura segui-los! Somente assim a fronteira entre a mortalidade e a imortalidade pode ser alcançada e — se possível — ultrapassada.

*Fausto diz: «Era no início a ação!» [68] A palavra «That» («ação» em alemão) pode ter sido derivada de «Thaut», «Teut» ou «Tyr», que remetem a noções «Deus» e «Senhor». Com isto, Fausto rompe com a visão estreita da Igreja e volta seu olhar para o cosmo.*

## NOVAS POSSIBILIDADES

Fausto é repellido pelo Gênio terrestre, porque sua alma ainda não está madura para as núpcias alquímicas com o Espírito. Ele decide terminar sua existência terrestre e apanha a taça de veneno. No entanto, possibilidades completamente novas desenvolvem-se então.

*«Que fundos sons, que toques argentinos, À força me subtraem dos lábios o cristal?» [52]*

*... Contudo, aquele som afeito desde a infância,  
Hoje também, me traz de volta à vida.*

*... Trazia esse cantar gentil  
Folgas da adolescência, a primavera suave;  
Põem-me as recordações, com ânimo infantil,  
Hoje, ao supremo passo, entrave.  
Ressoai, ó doces saudações do Além!  
Jorra meu pranto, a terra me retém! [53]*

## O SER HUMANO É CONDUZIDO A META MAIS ELEVADA

A força universal de Cristo ligou-se com a terra para, assim, possibilitar o caminho de retorno a cada ser humano.

Antes, havia apenas uma via indireta; contudo, após o Gólgota, a própria força universal de Cristo conduz a humanidade à meta mais elevada. Fausto comprova que a força que pode



fazer com que sua alma floresça está presente no cosmo. Ela acompanha a humanidade e espera a manifestação dos que se prepararam para o passo decisivo. Fausto apreende isso com sua intuição, que pode perceber mais do que o conhecimento intelectual.

Durante um passeio na manhã de Páscoa, Fausto desfruta a ressurreição da natureza e caminha por entre o povo. Contudo, o sentimento de felicidade dura pouco. Quando ele vê o pôr-do-sol, o anseio pelo Espírito, insatisfeito, novamente cresce-lhe na alma. Wagner contempla Fausto sem compreender, quando ele clama:

*«Vivem-me duas almas, ah! no seio,  
Querem trilhar em tudo opostas sendas»* [64].

No entanto, Fausto ainda não sabe como ele pode restabelecer a ligação com o mundo do Espírito:

*«No impulso alado que me enleva  
Corro, a embeber-me no imortal farol,  
À frente a luz e atrás de mim a treva,  
Aos pés o oceano e o empíreo sobre mim.*

*Um sonho, enquanto afunda em  
fluidos de cristal.*

*As asas da alma, ah! tão ligeiro assim,  
Não se há de aliar uma asa corporal!*

*Mas, a nós todo uma inata voz,  
Para o alto e para a frente guia.»* [63-4]

Wagner reage a isso:

*«De horas estranhas tenho sido a  
presa, mas jamais de ânsias desta  
natureza.»* [44]

Wagner, a alma natural, não pode seguir o anseio de Fausto pelo Espírito. A aspiração e o discernimento de Fausto são incompreensíveis para Wagner. Por isso, Fausto acrescenta:

*«Apenas tens consciência de um anseio;  
A conhecer o outro, oh, nunca  
aprendas!*

*Vivem-me duas almas, ah! no seio,  
Querem trilhar em tudo opostas  
sendas;*

*Uma se agarra, com sensual enleio  
É órgão de ferro, ao mundo e à  
matéria;*

*A outra, saltando à força o térreo freio,  
De nobres mares busca a plaga  
etérea.»* [64]

«COMEÇO APENAS, E JÁ ME  
EXACERBO!»

Quando Fausto quer traduzir o Evangelho de João, ele já se enreda nas primeiras palavras. «*Era no início o Verbo*» [68].

Ele está claramente consciente de que há uma saída do mundo mortal, porém ainda não conseguiu encontrar o acesso a esse caminho. Portanto, ele continua a buscar de maneira intensa.

Ele põe mãos à obra com o auxílio de sua alma natural, que não tem noção da existência de dois mundos opostos. Por isso, na tradução do Evangelho de João ele não penetra a essência do mistério de Cristo.

A Doutrina Universal ensina que a evolução do homem começou com a constituição do corpo físico durante o período de Saturno; que, em seguida, se formaram respectivamente o corpo etérico e o corpo astral, no período solar e no período lunar. Fausto aproxima-se destas três noções quando hesita entre três traduções possíveis. Ele não compreende que o «Verbo» é o Logos, a ordem e a força divinas originais, e interpreta-o como uma criação fraca e pálida em que a humanidade atual se tornou. Por isso, ele traduz o «Verbo» no Evangelho de João de outra maneira:

*«Escrito está: No início era o sentido!  
É o sentido, então, que tudo gera  
e cria?»*

*Deverá opor: No início era a Energia!  
... Do espírito me vale a direção,  
E escrevo em paz: Era no início a  
Ação!»* [68]

Portanto, Fausto dirige-se à verdade universal na forma do Evangelho de João. Contudo, ele fracassa, pois quer traduzir a verdade primordial com sua alma natural.

Ora, foi a ação que provocou a queda do homem no mundo das forças opostas. Por mais que Fausto se volte para a Verdade universal sob a forma do Evangelho de João, ele traduz a Sabedoria universal com sua alma natural e chega a um ponto morto. Está escrito: «No início era o Logos». O princípio divino no seio de Fausto é o foco do Logos. Aí está o princípio de todo o devir. Se Fausto buscasse o caminho para a vida original com o auxílio deste fogo, então para ele também valeria: «No início da criação do homem-alma-espírito era o Logos».

Desta força ele deviu e, nesta força, novamente será. Se ele conseguir ligar-se com esta força e seguir esse caminho, o Evangelho de João irá servir-lhe de fio de prumo interior.

Em sua luta para encontrar esse ponto de ligação em si mesmo, Fausto é confrontado com Mefistófeles. A consciência terrestre — Mefistófeles

— busca extinguir o anseio profundo de Fausto, procurando fazê-lo afundar nos valores e normas da existência dialética. Mefistófeles se descreve a si mesmo para Fausto com as palavras:

Frontispício da primeira edição de Fausto. Francoforte-sobre-o-Meno, 1587.

*«Sou parte da Energia  
que sempre o Mal pretende  
e que o Bem sempre cria.» [71]*

Cada ser humano está ligado em seu próprio ser com este Mefistófeles, com a força mediante a qual ele vem a conhecer seus limites. Visto que Fausto ainda não descobriu seus próprios limites, ele permanece ligado a esse guia, sendo conduzido por ele.

*«O Deus, que o ser profundo me  
emociona  
E me agita o âmagô em que mora,  
Que acima de meus brios todos trona,  
Não pode atuar nada por fora.  
E da existência, assim, o fardo me  
contrista,  
A morte almejo, a vida me é malquis-  
ta.» [79]*

*«... Tudo maldigo, hoje, o que em obra  
De sedução o ser governa,  
E o que em miragens o soçobra,  
Prendendo-o nesta atroz caverna.  
Maldita seja a presunção,  
Em que o critério se emaranha!  
Maldito o encanto da visão  
Que no íntimo sensual se entranha!  
Maldito o que em vão sonho enleia,  
Da fama e glória o falso brilho!  
Maldito o haver que lisonjeia  
Como lar, servo, esposa, filho!  
Mamon maldito, quando à empresa  
Audaz seu ouro nos arroja,  
Quando aos prazeres e à moleza,  
Em seda e plumas nos aloja!  
Do amor, maldita a suma aliança!  
Maldita da uva a rubra essência!  
Maldita fé, crença e esperança!  
E mais maldita ainda, a  
paciência!» [79-80]*



Fausto, guiado por Mefistófeles, rejeita todos os valores que poderi-

O nome “noite de Walpúrgis” está relacionado com Valburgo ou Valhalla. É uma festa que foi “cristianizada” pela Igreja. A palavra “Wal” vem do alemão “Wallen” (ferver), “wälzen” (rolar), “wirbeln” (rodopiar) de água ou de éteres, também: “wellen” (ondular), “wählen” (escolher), “wickeln” (enrolar), todas estas palavras indicando a idéia de movimento. Até mesmo a palavra alemã “Welt” (mundo) tem conexão com isso. No texto sacro dos frísios, no Livro Oera Linda (Ottema, J.G. e Schröder, S. Die Oera-Linda-Handschriften, 1988), é dito nos “Escritos de Adelbrost e Apollonia”, cap.~4, A doutrina

mais antiga: “... Wr-alda é o ancião dos anciãos, pois ele criou todas as coisas. Wr-alda é tudo em tudo, pois ele é eterno e duradouro. Wr-alda é onipresente mas invisível, e portanto é chamado Espírito. Tudo o que podemos ver dele são os seres criados que vêm à vida e a deixam por meio dele, porque todas as coisas procedem de Wr-alda e a ele retornam. Wr-alda é o princípio e o fim. Wr-alda é o único ser onipotente, porque dele vem toda a força e a ele retorna.”

A noite de Walpúrgis é a passagem de 30 de abril para 1.º de maio. Todas as forças naturais entram em movimento, e a Natureza

am alimentar o núcleo da alma divina. E essa é a resposta dada a ele por um coro de espíritos devido a sua recusa:

«Ai de ti! Ai!  
Aniquilaste-o,  
O lindo mundo,  
Com mão possante;  
Vai ruindo, cai fundo!  
Um semideus fê-lo em pedaços!  
As ruínas, nos braços,  
Para o Nada levamos,  
E lamentamos  
Perdidos brilhos.  
ó tu! potente,  
Dos térreos filhos,  
Mais resplendente  
Reergue-o em teus pensares!  
Dê-lhe o peito acolhida,  
Novo curso de vida  
Inicia, com claro  
Senso e preparo,  
E com novos cantares  
Exalta a lida!» [80]

deveria construir uma nova vida em si, seguindo os impulsos do princípio divino em seu imo. No entanto, ele ainda não alcançou esse ponto da rendição interior. Ele tenta matar a voz do mundo do Espírito no coração, ao mergulhar no mundo dialético e fazer um pacto com Mefistófeles. Ao satisfazer todos os desejos de Fausto, Mefistófeles espera calar-lhe a voz do coração e, assim, ganhar-lhe a alma. Todavia, Fausto sabe que a consciência terrestre não conseguirá isso, pois a experiência já lhe ensinou o que ele pode esperar:

Quarta-feira, 16 de dezembro de 1829: Goethe disse a Eckermann: «Aliás, você notará que Mefistófeles está em desvantagem em relação a Homúnculo, que o iguala em clareza espiritual, ultrapassando-o por sua tendência ao belo e por sua força de ação positiva».

O «antigo templo» deve ser destruído para, a partir dele, ser construído um novo. Para tanto, Fausto

recebe novas energias. Isso também acontece aos seres humanos. É dito que a alma humana, nessa noite, pode ter acesso à região de vida do Espírito. Por isso, Gretchen e Helena aparecem a Fausto na noite de Walpúrgis da primeira e da segunda parte do Fausto respectivamente. Helena é o ideal de beleza da mitologia grega. Essa deusa é para Fausto uma projeção da alma divina. Ela é a resposta à imagem que Fausto fez em sua própria consciência da alma divina. Por isso, é dito que Fausto teria criado uma quimera para si. O tema da noite de Walpúrgis também é utilizado por

Shakespeare em sua tragédia Macbeth e em Sonho de uma noite de verão. Principalmente nesta última é expressado com muita força que o ser humano pode perder suas faculdades de orientação e de discernimento por ação das forças naturais e inclinar-se a tolices estranhas, não sendo capaz, principalmente, de diferenciar o mundo espiritual do mundo humano.

«Que queres tu dar, pobre demo?  
Quando é que o gênio humano, em  
seu afã supremo,  
Foi compreendido pela tua raça?  
Mas, possuis alimento que não satisfaça,  
Rubro ouro que nas mãos já se desfaça  
Como mercúrio, jogo estranho,  
Perdido sempre e jamais ganho,  
Mulher que já nos braços meus,  
Piscando o olho, outro a si atrai;  
Da glória o dom, prazer de um deus,  
E que, a um meteoro igual, se esvai?  
Mostra-me o fruto, podre antes que  
o colha  
E a árvore que de dia em dia se  
renova!» [82]

«Se me estirar jamais num leito  
de lazer,  
Acabe-se comigo, já!  
Se me logreres com deleite  
E adulação sonora,  
Para que o próprio Eu preze e aceite,  
Seja-me aquela a última hora!  
Aposto! e tu?» [83]

«E sem dó nem mora!  
Se vier um dia em que ao  
momento  
Disser: Oh, pávia! és tão formoso!  
Então algema-me a contento,  
Então pereço venturoso!  
Repique o sino derradeiro,  
A teu serviço ponhas fim,  
Pare a hora então, caia  
o ponteiro,  
O Tempo acabe para mim!» [83]



Fausto e Mefistófeles fazem este pacto, que Fausto sela com o próprio sangue, isto é, com sua alma natural. Enquanto é guiado por sua consciência terrestre, ele pertence a Mefistófeles. Contudo, a consciência terrestre nunca pode apossar-se da alma divina.

Ilustração da página de título da «The tragicall historie of Doctor Faustus» (Trágica história do doutor Fausto), de Christopher Marlowe. Londres, 1631.

*Os cabires da Samotrácia: originalmente deuses fenícios e protetores das viagens marítimas. Na ilha Samotrácia eles eram o ponto central de um culto dos mistérios. Segundo Creuzer, esses mistérios seriam a origem da mitologia grega inteira. Os cabires eram representados como vasos com cabeça humana. Homúnculo é levado aos cabires a fim de lá desenvolver-se em um ser humano. No final da noite de Walpúrgis clássica, ele mergulha na força onde se encontra o início desse processo de desenvolvimento: a água.*

#### MEFISTÓFELES GANHA NA MAIORIA DAS VEZES

Um acordo como o de Fausto e Mefistófeles é a base da existência de quase todos os seres humanos. E Mefistófeles ganha na maioria das vezes. Os seres humanos tentam traduzir os impulsos do princípio divino em seu âmago segundo as condições da existência mortal. Porque não sabem fazer melhor do que isso, eles respondem a estes impulsos com sua alma mortal, que certamente não é capaz de entendê-los.

Após a morte, como o final de uma vida cheia de alegrias e dores, as partes componentes da alma natural são reconduzidas ao reino de Mefistófeles. No entanto, quem sabe encontrar em seu ser o portal que dá acesso ao caminho de retorno torna-se capaz de

*Provavelmente Goethe escolheu o nome Euforion porque ele possui um significado etimológico profundo. A palavra grega euphorio significa «ser fértil», e euphoros é «ágil, bem formado». Euforia é um alegria intensa.*

dar ao princípio divino a liberdade de que ele necessita para poder desenvolver-se.

Então, uma nova alma vai substituindo, aos poucos, a alma natural.

Mefistófeles não pode atacar a alma divina. Em todo o decorrer do processo de desenvolvimento, Fausto é conduzido ao ponto em que ele compreende que o caminho tem de ir para o alto.

No drama de Gretchen, Goethe mostra como o buscador atinge em si mesmo o nadir da vida terrestre — o qual é, ao mesmo tempo, um novo começo.

Na segunda parte, Goethe mostra como sua personagem principal continua a desenvolver-se nos diversos âmbitos do mundo terrestre: com o auxílio de Mefistófeles, Fausto dirige-se ao princípio que é simbolizado por Helena, filha de Zeus (os deuses) e de Leda (a matéria). Ela é uma imagem de um homem tal como um dia foi “pensado” na matéria — na verdade, projetado na “matéria estelar” da qual somente existe um princípio nuclear.

Dessa imagem idealizada, surge a Helena concreta.

Fausto tenta ir buscar Helena no reino das «mães», a fim de ligar-se a ela. Segundo Goethe, a matéria primordial origina-se de outro reino. Os gregos designavam pelo conceito de «mães» as forças cósmicas que permitiram o desenvolvimento do homem original.

Fausto liga-se de maneira quase que indissolúvel com essa imagem idealizada da beleza, Helena, que no entanto é igualmente uma parte do mundo efêmero, do Além.

Fausto — que agora é sacerdote — volta com Helena de sua viagem na matéria primordial. A centelha do Espírito, em seu imo, tocou profundamente sua consciência terrestre e ficou adormecida por um tempo. Mefistófeles declara:

*«Quem por Helena foi paralisado  
Tão cedo já à razão não volve.» [269]*



Assim, outra consciência desenvolve-se em Fausto, que é uma ameaça aos esforços de Mefistófeles, pois, se Fausto ingressasse realmente no caminho que está aberto a sua frente, ele escaparia ao poder de seu companheiro e enfraqueceria seu mundo.

#### HOMÚNCULO — A IDÉIA DE HOMEM

Homúnculo significa «pequeno homem». Os alquimistas utilizavam este termo para um homem criado por meios químicos. Goethe quer mostrar com o Homúnculo a idéia do ser humano terrestre que existia antes do mundo material e se concretizou, no curso da evolução, por meio do mundo material. Com este símbolo, Goethe quer mostrar que o ser humano ainda tem pouco conhecimento a respeito de si mesmo: ele conhece apenas o homem artificial que criou com seu comportamento materialista. Quem cria Homúnculo em seu laboratório foi Wagner — a razão. Poderíamos dizer que ele é o homem biológico, o homem da Natureza, que não existiria sem a inter-

venção de Mefistófeles.

Homúnculo vê Mefistófeles e zomba:

*«Aqui te encontras!  
Ai, Senhor meu primo,  
Na hora certa! ver-te estimo.  
Conduz-te a sorte a este objetivo;  
Já que sou, devo ser ativo.» [279]*

Na noite de Walpúrgis clássica da segunda parte do Fausto, Goethe descreve o desenvolvimento do ser humano biológico: de homúnculo ao homo sapiens. Fausto é conduzido, então, ao mundo dos princípios criadores, que em conjunto geraram ao longo de milhões de anos o homem concreto, formado segundo a idéia de homem.

Aqui, Fausto penetra um mundo onde existência subconsciente, vida consciente e entendimento suprasensível estão misturados.

Agora, Fausto entra no caminho do dever do verdadeiro homem.

Ele reconheceu o segredo de sua existência e esforça-se para agir a partir deste reconhecimento, vivificando o princípio original de seu ser.

Então, Helena aparece a Fausto. Ela

Primeiro encontro com Margarida. ópera de Charles Gounod (1818—1893). Foto AKG, Berlim.

*Na Idade Média, a Igreja desfigurou completamente a mitologia germânica e seus deuses, associando-os à magia e aos poderes demoníacos. Goethe criou a noite de Walpúrgis germânica com todas as suas características, porém com uma visão completamente distinta: a visão do poeta que aspira inconscientemente a reencontrar a verdadeira essência. A noite de Walpúrgis, na primeira parte do Fausto, é a imagem da degenerescência de um povo que se tornou estrangeiro a seus ideais, e ela ainda projeta suas sombras na noite de Walpúrgis clássica na segunda parte do Fausto: ora, nessa noite de Walpúrgis se desencadeia uma tragédia horrível. No final, Fausto livra-se da magia. Ele reconheceu-a como um caminho errado em sua aspiração à ligação com a Natureza e diz:*

*«Pudesse eu rejeitar toda a feitiçaria,  
Desaprender os termos de magia,  
Só homem ver-me, homem só,  
perante a Criação,  
Ser homem valer a pena,  
então!» [430]*

*Goethe realizou esse ideal em sua poesia lírica. Por isso, o que há de mais puro e mais belo em sua obra é que, para ele, valia a pena "ser um homem".*

(Yggdrasil, August Heyting, 1935 ?)

representa o ideal de beleza do mundo efêmero, que desperta de seu sono mortal.

Helena e Fausto geram Euforion, a corporificação da poesia no mundo efêmero. Da genialidade (Fausto) e da beleza (Helena) surge a poesia. Con-

tudo, quando a poesia não se orienta para a verdade eterna, ela é efêmera.

Helena e Fausto concebem Euforion, a nova consciência, que deve ultrapassar o abismo entre a morte e a vida. Em seu livro *A Gnosis em sua atual manifestação*, Jan van Rijckenborgh escreve: «Nesta situação, surgem duas possibilidades: ou um retorno ao antigo estado de ser, que é um retorno à antiga vida natural, ou então um progresso para o novo estado de ser, o acesso ao renascimento total da alma, a entrada no novo campo de vida.»

Finalmente, esta nova consciência transitória vai sendo pouco a pouco substituída por Pimandro: a alma-espírito. É por isso que Euforion morre quando Fausto se aproxima do novo campo de vida.

Então, Euforion morre, e Helena abandona Fausto.

A ligação com o ideal de beleza terrestre é igualmente tão pouco sustentável quanto as ligações anteriores que Fausto estabelecera. Novamente, ele está sozinho.

Então, ele é recompensado pelos seus serviços prestados ao imperador com um pedaço de terra ao longo do mar.

Ele faz dela um grande país, repressando-a com diques e canalizando as águas; assim cria para si seu próprio campo de vida.

Desse modo, ele aspira ao ideal do ser humano autônomo e independente da Natureza. É a personificação do ser humano moderno, que procura fazer da terra sua serva, porém que apenas cria com isso, sem notar, seu próprio túmulo.

Esta passagem nos faz lembrar da história de Caím.

Como este possui uma centelha do Espírito, lembra-se vagamente do país que um dia teve que abandonar e é por isso que se esforça por criar um espaço vital, que é a base do desenvolvimento de uma nova consciência, e, assim, entra na senda que todos os seres humanos devem seguir.

*Na introdução de sua obra prima, Goethe diz que o Fausto histórico teria sido uma figura conhecida e famosa.*

*Fausto nasceu em 1480 em algum lugar em Württemberg, estudou magia, que em sua época era ensinada em algumas universidades. Ele utilizou os conhecimentos adquiridos para todo o tipo de trapaça. Ele gozava de certo prestígio sob o nome de Paracelso, porém, ao contrário de seu homônimo, era um trapaceiro sem consciência.*

*Dizia-se que era aliado do Diabo, porém conseguiu escapar a todas as perseguições e morreu na pobreza por volta de 1540.*

*Após sua morte, surgiram várias lendas sobre Fausto. Em 1587, elas foram reunidas e publicadas como o «Volksbuch Doktor Faustus» (O livro popular do doutor Fausto), que se tornou fonte das lendas e das poesias posteriores sobre Fausto. Em 1674, J. N. Pfitzer encurtou e simplificou as narrativas minuciosas. Depois, um editor, que se denominava um «pensador cristão»,*

*publicou um «Faustbuch» (Livro do Fausto) conciso, baseado em pesquisa histórica, o qual foi reimpresso com frequência desde o início do século XVIII até seu final. Goethe comprou um exemplar por alguns centavos no mercado. O primeiro a trabalhar a matéria em um drama logo após o aparecimento do «Faustbuch» foi Christopher Marlowe (1564–1593). O espírito de seu drama tem parentesco com o de Goethe. Foi encenado com frequência, sobretudo na Alemanha, como teatro de marionetes, e sem dúvida alguma Goethe assistiu a uma das encenações.*

*Na Holanda, havia uma peça com o tema Fausto cujo título era: «De hellevaart van Doktor Faustus» (A viagem ao Inferno do doutor Fausto), de van Rijndorp. Ficou comprovado que essa peça é 70 anos mais velha do que o primeiro texto alemão.*

#### APTIDÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

No fim de sua existência dialética, Fausto tornou-se apto, por suas muitas experiências de vida, para preparar a base de um desenvolvimento espiritual. Nesse estado, ele experimenta privação, culpa, apreensão e penúria. Antes de morrer, ele lança um olhar retrospectivo em sua vida.

Todavia, ele se preocupa: será que atingiu o objetivo de sua vida? Ele não sabe se essa foi a libertação à qual ele aspirou. Em uma conversa com a “Apreensão”, ele diz:

*«Até o ar e a luz inda não me hei liberto.  
Pudesse eu rejeitar toda a feitiçaria,*

*Desaprender os termos de magia,  
Só homem ver-me, homem só,  
perante a Criação,  
Ser homem valeria a pena,  
então.» [430]*

*«Pelo mundo hei tão só corrido;  
A todo anelo me apeguei, fremente,  
Largava o que era insuficiente,  
Deixava ir o que me escapava.  
Só desejado e consumado tenho,  
E ansiado mais, e assim, com força e empenho  
Transponho a vida; antes grande e potente,  
Mas hoje vai já sábia, lentamente.  
O círculo terreal conheço a fundo,  
À nossa vista cerra-se o outro mundo;  
Parvo quem para lá o olhar alteia;  
Além das nuvens seus ignais idéia;  
Aqui se quede, firme, a olhar à roda!*

Se pudéssemos pensar no interior do enorme corpo celeste terra como um espaço vazio, de modo que se pudesse avançar centenas de milhas em uma direção sem chocar-se com algo corporal, este espaço seria a morada daquelas deusas para onde Fausto desce. Elas vivem como que fora de qualquer lugar, pois não há nada tangível que as confine; elas também vivem fora de todo o tempo, pois nelas não brilha um astro, cujo nascimento e ocaso possam indicar a alternância dos dias e das noites. Assim, mantendo-se em crepúsculo e solidão eternos, as mães são seres criadores, elas são o princípio criador e mantenedor, de onde se origina tudo o que tem forma e vida na superfície da terra. O que cessa de respirar retorna a elas como Natureza espiritual, e elas guardam-no até que ele novamente encontre oportunidade de entrar em uma nova existência. Todas as almas e formas daquilo que foi um dia e «será no futuro - tudo» vagueia como uma nuvem, para lá e para cá, no espaço infinito em torno das mães. Portanto, o mago tem de ir ao reino delas se quiser, mediante o poder de sua arte, dominar a forma de um ser e invocar uma criatura do passado para uma pseudovida. Portanto, a ocupação incessante das mães é a metamorfose eterna da existência terrestre, do surgir e crescer, do destruir e reconstruir.

(Diálogos com Goethe, 10 de janeiro de 1830, J. P. Eckermann, 1835)

Por que ir vagueado pela eternidade?  
O perceptível arrecade?  
Percorra, assim, o trânsito terreno;  
Em meio a assombrações ande sereno,  
No avanço encontre ele êxtase ou tormento,  
Insatisfeito embora, hoje e a qualquer momento!» [431-2]

Contudo, Fausto não se deixa dominar pela apreensão. Ele a rejeita e, assim, dá um novo passo no caminho para a liberdade interior. A «Apreensão» diz:

«Prova-o; já que eu, com maldição,  
De ti me aparto como vim!  
A vida inteira os homens cegos são,  
Tu, Fausto, fica-o, pois, no fim.» [433]

#### A INCAPACIDADE DE VER O CAMINHO DIVINO

A cegueira de que a Apreensão fala refere-se a dois planos distintos. Um ser humano pode ser cego ao divino, enquanto seus olhos podem perceber muito bem o terrestre.

Reciprocamente, ele pode isolar-se do que é tangível e perceptível e «ver espiritualmente». A cegueira de Fausto refere-se ao terrestre; a visão espiritual não se torna realidade para ele, que vê interiormente mais estados ideais do mundo terrestre. Uma luz interior clara arde nele quando sua alma avista, como que em uma visão, um novo ideal ao qual ele pode aspirar:

«Sim! da razão isto é a suprema luz,  
A esse sentido, enfim, me entrego,  
ardente:  
À liberdade e à vida só faz jus,  
Quem tem de conquistá-las diariamente.» [436]

Já quase morrendo, Fausto agarra-se novamente a um novo objetivo no mundo efêmero. E ele diz: «Sim, ao Momento então diria: oh! pára enfim — és tão formoso!» [436]. Ele fala na forma de possibilidade. Mefistófeles



credita isso para si como uma vitória. Ele acha que Fausto perdeu a aposta.

Contudo, mais tarde Goethe explica que ele quis expressar, através da forma de possibilidade, que Fausto e Mefistófeles ganham a aposta pela metade. Portanto, a luta entre os dois termina indefinida. Fausto não se agarrou a um momento real, porém a um momento imaginado. Todavia, Mefistófeles crê ter desviado Fausto definitivamente de seu anseio. Ele diz: *“Está, pois, consumado”* [436]. Contudo, ele apenas possibilitou a Fausto seguir o caminho até o bom final.

Agora, a alma imortal pode deixar para trás o mundo da matéria. E os anjos cantam:

*“O nobre espírito está salvo  
Do mundo atro dos demos:  
Quem aspirar, lutando, ao alvo,  
À redenção traremos.*

*E se lhe houvera haurir de cima,  
Do amor a graça infinda, dele a suma  
hoste se aproxima com franca boa  
vinda.»* [447]

A grande obra, que já fora descrita no prólogo como a tarefa do ser humano no mundo, está agora um passo mais próxima da realização: o homem imortal dirigiu-se ao eterno, e a alma de Fausto está salva:

*«Tudo o que é efêmero é somente  
Preexistência;  
O Humano-Térreo-Insuficiente  
Aqui é essência;  
O Transcendente-Indefinível  
É fato aqui;  
O Feminil-Imperecível  
Nos ala a si.»* [451-2]

Goethe dialogando  
com seu secretário.  
Pintura em óleo de  
Johann Joseph  
Schmeller. 1831.  
Biblioteca regional  
de Weimar, Turingia.

## «OUÇO A MENSAGEM, SIM, FALTA-ME A FÉ, NO ENTANTO»

*Fausto é o protótipo do buscador. Ele pesquisa nos mundos visível e invisível e tenta trazer sob seu controle os “espíritos” em seu campo de respiração. Contudo, ele não o consegue completamente. Tampouco isso o satisfaz. Ele também pode ser visto como buscador da verdade que ainda não tem noção do que ele deve buscar realmente.*

Na manhã de Páscoa, ao passear com seu assistente, o «flâmulo» Wagner, Fausto é saudado com respeito pelas pessoas que encontra, sendo elogiado por seu desempenho como médico. Wagner está impressionado. Entretanto, Fausto diz:

*«Soa hoje a escárnio o ruído que me aclama...»* [62]. Esta cena proporciona uma visão profunda da opinião sobre a vida do erudito idoso. Para ele próprio, seu conhecimento e seu poder nada valem. Sua balança interior está calibrada de outra maneira. A seu ver, o que tem «peso» para as outras pessoas não tem significado. Ele sofre por causa de seus insucessos, por causa da incapacidade de realizar o que, como meta, paira diante de seus olhos.

Fausto ultrapassou sua erudição. Ele busca as forças que movimentam o processo inteiro de criação no Universo e no ser humano. Ele alcançou sua fronteira e abandonou os valores firmes, a fim de buscar seu caminho para o novo sobre o mar agitado das incertezas. Ele é como um viajante descobridor, que sabe o que busca, mas não sabe onde pode encontrá-lo.

E isto o faz sofrer. Exatamente aqui está também a oportunidade para Mefistófeles, que deseja mantê-lo no

mundo e está disposto a tentar tudo o que for possível e impossível para isso.

Mefistófeles tem algum discernimento quanto ao dilema fundamental do gênero humano. No prólogo no céu, ele diz a Deus sobre os seres humanos:

*«Viveria ele algo melhor, se da celeste  
Luz não tivesse o raio que lhe deste;  
De razão dá-lhe o nome, e a usa,  
afinal  
Pra ser mais feroz que todo  
animal.»* [36]

O ser humano quer sempre ampliar suas fronteiras naturais, porque ele não é apenas um ser animal, porém recebeu também um princípio divino. E porque seu entendimento não é tão amplo quanto seu anseio, inicialmente sua reação à força motriz desse princípio divino leva-o ao erro, à confusão, ao egoísmo, à maldade e à culpa. Todavia, Deus conhece a situação da qual surge a confusão. Ele replica a Mefistófeles:

*«Se em confusão me serve  
ainda agora,  
Daqui em breve o levarei à luz.  
Quando verdeja o arbusto, o  
cultor não ignora  
Que no futuro fruto e flor  
produz.»* [37]

O FINAL DA HISTÓRIA É BEM  
CONHECIDO

Fausto busca e luta, embora lhe sejam conhecidas, desde o início, as causas de sua inquietação e a meta de sua vida. O divino nele é a causa de sua inquietação. E a iluminação, que virá,



é o «bom fim», que é certo. Essa tragédia repete-se na vida de cada ser humano; vida levada em incerteza. Tal como Fausto, quem não pode ou não quer reconhecer isso tem de viver seu destino nas trevas sem entendê-lo.

Talvez esta seja a razão pela qual o tema Fausto sempre permaneceu novo e atual, interessando, sobretudo, ao buscador da verdade.

Primeiro, Fausto faz um balanço.

Ele está profundamente descontente consigo mesmo e com sua situação. Ele sabe tudo o que o ser humano pode saber, porém admite que mesmo assim ele não pode reconhecer o principal. Aprisionado nas fronteiras das faculdades do conhecimento humano, ele não sabe «o que a este mundo liga em seu âmago profundo» [41], embora o tenha buscado toda a sua vida. Ele supõe que a verdade se expressa na

Visão. Água-forte de Rembrandt van Rijn, 1652. Biblioteca Nacional, Madrid.

Natureza viva, porém como ele descobrirá seu segredo? Pela magia?

*«Por isso entrego-me à magia, a ver se o espiritual império pode entreabrir-me algum mistério»* [41].

#### AS FORÇAS ESPIRITUAIS POR TRÁS DA NATUREZA

A imagem do macrocosmo proporciona-lhe discernimento na vida e na rede das forças espirituais que agem nos bastidores da Natureza. Ele deseja participar disso e invoca o espírito da terra e, para seu espanto e desespero, tem de reconhecer que não suporta sua presença. Ele é repellido: *«És um com o gênio que em ti sondas; mas não comigo!»* [45]. Fausto se desequilibra. Oscilando entre o arrependimento e o desespero, ele contempla o destino miserável dos seres humanos, que, curvados sob o sol, consomem inutilmente suas forças. Não! Fausto não quer aceitar isso como seu destino!

Ele prefere deixar essa vida terrestre atrás de si, a fim de se *«entranhar em órbitas etéreas, novas regiões de atividade pura»* [51]. Ele fanfarreia: *«É tempo de provar que, à altura de imortais, em nada o cede do homem o alto brío»* [51].

Por fim, ele não bebe do veneno mortal, graças ao tanger dos sinos e ao canto em coro do dia de Páscoa que se inicia:

*«Cristo ressurgiu! Salve, ente mortal, que do elo fatal do erro original libertou se viu»* [52].

Com efeito, Fausto diz: *«Ouço a mensagem, sim, falta-me a fé, no entanto»* [53], porém ele ainda não pode partir os laços prisionadores da vida terrestre.

Certamente ele venceu Wagner, o erudito em seu ser, que apenas confia em seu entendimento e em suas criações. Contudo, mais uma vez Mefistófeles consegue fisgá-lo facilmente. Fausto está muito mais próximo de Mefistófeles do que do espírito da terra, e isso por egoísmo e não por maldade.

Mefistófeles promete a Fausto um prazer renovado e maior na vida. Fausto sempre quer tudo. Por falta de discernimento, ele se deixa levar a qualquer extremo e também ao erro. Ele somente tem certeza de uma coisa: que o desejo de fenômenos não o deterá. O espectador segue o curso da vida de Fausto com compaixão e preocupa-se com o resultado de seus esforços. Será que ele será redimido?

No dia 6 de junho de 1831 Eckermann escreve:

*«Conversamos sobre o final, e Goethe chamou-me a atenção para a passagem seguinte: 'O nobre espírito está salvo do mundo atro dos demos: Quem aspirar, lutando, ao alvo, À redenção traremos. E se lhe houvera haurir de cima, Do amor a graça infinda, Dele a suma hoste se aproxima Com franca boa-vinda.»* [447]

*«Esses versos, assim ele disse, contêm a chave da salvação de Fausto. O próprio Fausto, até o fim, aspira a uma atividade mais elevada e mais pura, e do alto o amor eterno lhe vem ao encontro. Isso se harmoniza por completo com nossa idéia religiosa de que não nos tomamos bem-aventurados por nossas próprias forças, senão pela graça divina.»*

## O ANSEIO PELA VERDADE LEVA À REALIZAÇÃO

*A tragédia original de Fausto, na qual o personagem principal termina de maneira muito trágica, era encenada na época de Lutero como balada nas feiras anuais.*

*Já antes de Goethe, Lessing teve a intenção de dramatizar o tema. Nesta dramatização, Fausto, no final, não era entregue ao Diabo, porém salvo por anjos, pois segundo Lessing:*

*«Deus não plantou no ser humano o instinto mais nobre, o anseio pela verdade, a fim de torná-lo infeliz para sempre».*

Este pensamento é uma confirmação do versículo bíblico:

*«Deus não abandona a obra de suas mãos». Quem sente em si o elemento «fáustico» tem de aprender a discernir — assim como Fausto — que Mefistófeles tem razão quando diz:*

*«Por mais que os pés sobre altas solas coloquês,  
E useis perucas de milhões de anéis,  
Haveis de ser sempre o que sois.» [58]*

Com outras palavras: enquanto não ocorre uma mudança interior, um amadurecimento interior proveniente do autoconhecimento, o ser humano sempre permanecerá o terrestre aprisionado e movimentado que é, até que ele reconheça:

*«Pelo mundo hei tão só corrido; A todo o anelo me apeguei, fremente, Largava o que era insuficiente, Deixava ir o que me escapava.*

*Só desejado e consumado tenho,  
E ansiado mais, e assim, com força e empenho  
Transposto a vida; antes grande e potente,  
Mas hoje vai já sábia, lentamente.»  
[431-2]*

Somente por meio deste discernimento pode surgir a disposição de voltar as costas à vida terrestre. Por isso, surge nesse momento no Fausto o representante da natureza terrestre, o eu superior, o Satanás pessoal: Mefistófeles.

Ele já começa a ficar mais fraco e, ao invés de atuar como força motriz por trás de Fausto, passa a ser seu servo, influenciando-o de forma bem sutil. Fausto vivencia um processo de purificação. A natureza de seus pensamentos transforma-se, e Mefistófeles tem de levar isso em conta.

Quem quer seguir o caminho da verdade — e este é justamente o grande interesse de Fausto — tem de reconhecer o aspecto terrestre no sistema microcósmino. Por isso, Fausto experimenta sua vida interior como uma tempestade. Ele sente que nele duas almas lutam entre si. E Fausto quer escapar desta tempestade, desta violência. Por isso ele erige diques, a fim de proteger seu «reino recém-erigido». Contudo, a Bíblia indica claramente, já na narrativa da tentação no deserto, na traição de Judas e na negação de Pedro, que o opositor — Satanás, Mefistófeles ou seja lá como ele se chame — tenta apossar-se de sua suposta presa até o último momento. No entanto, mediante o discernimento, o buscador torna-se cada vez mais forte e está cada vez mais cauteloso. Assim, o opositor fica mais fraco e, por fim, tem de sair do caminho. Fausto — pelo menos sua alma — é salvo.

## «LEMBRAI QUE É VELHO O DIABO ANTIGO, VELHOS FICAI, POIS, PARA COMPREENDÊ-LO!» [276]

*O que as forças contrárias à determinação divina — que Goethe indica no Fausto como Mefistófeles — trazem ao buscador? Quem se põe a caminho de descobrir o núcleo de sua vida é confrontado com seu próprio passado, sobretudo com os resultados de vida que foram gravados na lítica durante encarnações anteriores do microcosmo.*

A primeira aparição de Mefistófeles ocorre semelhante ao livro de Jó no Antigo Testamento. O Diabo do livro de Jó permanece anônimo; no entanto, Mefistófeles declara-se como uma entidade. Ambas esperam dissuadir sua vítima da fé em Deus mediante golpes do destino. Contudo, Mefistófeles é principalmente o aspecto pessoal da oposição. Ele atua na alma de Fausto inspirando e estimulando. Isto é, ele força ou induz Fausto a seguir o caminho traçado pelo carma. Não há apenas fantasia poética quando Goethe faz com que Deus entra em acordo com Mefistófeles, permitindo que este seduza Fausto, porque — assim explica Deus — o ser humano adormece muito facilmente em seu desejo de salvação:

*«O humano afã tende a afrouxar  
ligeiro,  
Soçobra em breve em integral  
repouso;  
Aduzo-lhe por isso o companheiro  
Que como diabo influi e incita,  
laborioso.» [38-9]*

Cada ser humano possui seu próprio campo magnético, que cunha seu caráter e o faz sentir, pensar, querer e agir em concordância com ele. Um

grande número de encarnações em seu microcosmo colaborou nesse campo. Em interação com ele, muitos deuses do ser humano são invocados, nos quais ele crê ou aos quais ele amaldiçoa, mas com certeza alimenta!

Os seres humanos são infelizes por isso? Não. Enquanto viverem de acordo com os deuses criados por eles individual ou coletivamente, eles experimentarão apenas os movimentos da Natureza e estarão em harmonia com isso.

Eles apenas sentirão dor e preocupação quando o mundo não lhes der o que sua alma natural anseia. Então surge do seio um chamado por um deus todo-justo, que certamente não pode permitir todo o sofrimento; aparece a queixa por causa de seu amor escasso ou, como última conclusão, a negação de sua existência. Todavia, o criador de sua miséria pessoal é o próprio ser humano.

### A ALMA DIVINA APRISIONADA DESPERTA

No entanto, quem possui a característica de Fausto, isto é, quem é favorecido pelos deuses, porém não utiliza as possibilidades que lhe foram apresentadas, sofre uma dor completamente distinta. É a cisão interior, que o queima qual um incêndio chamejante logo que a alma divina aprisionada em seu interior desperta. Então dois impulsos brigam em seu interior pelo poder. A raiz de seu eu e o núcleo divino primordial declaram seus direitos. Fausto exclama desesperado:

*«Vivem-me duas almas, ah! no seio» [64].*

Esta é a oportunidade de Mefistófeles. Por quê? Porque ele, o rebelde dos primórdios, o princípio astral destrutivo no ser humano, alimenta a dúvida. Ele procura desviar a força do princípio divino — que ele não pode matar, porque é muito forte — e dirigi-la para a matéria. Ele imita Deus e, assim, desencaminha o ser humano.

*«Do céu surge o âmbito irrestrito  
Como da terra o gozo mais perfeito,  
E o que lhe é perio, bem como o  
infinito,  
Não lhe contenta o tumultuoso  
peito.» [37]*

No quarto de estudos, Fausto chega ao encontro decisivo.

Mefistófeles responde à inquirição de Fausto:

*«O Gênio\* sou que sempre nega!  
E com razão; tudo o que vem a ser  
É digno de perecer.» [71]*

Por isso, Fausto chama-o de «um filho do caos». Entretanto, não se encontra o próprio Fausto em um estado de perturbação interior, ele, que queria tomar os portões do céu de assalto com sua consciência intelectual natural através do ocultismo e da magia? Esse ataque tinha de fracassar, porque ele queria ingressar no mundo das almas imortais com seu eu e teve de verificar que isso não é possível. Para isso, seu eu primeiro tem de tornar-se um servo da alma divina primordial, que jaz aprisionada nele.

FAUSTO REAGE DESESPERADO:

*«Maldita fé, crença e esperança!  
E mais maldita ainda, a paciência!» [80]*



*«Mas que é que sou, se me é vedado,  
pois, Granjear da humanidade  
o diadema,  
Do Eu todo a aspiração suprema?» [86]*

Mefistófeles repele-o friamente e promete-lhe pelo menos a ajudá-lo, como um mortal, a alcançar um estado de felicidade. Tudo em Fausto se defende:

*«Que queres tu dar, pobre demo?  
Quando é que o gênio humano, em  
seu afã supremo, foi compreendido  
pela tua raça?» [82]*

E, não obstante, ele faz um pacto com Mefistófeles, selando-o com seu próprio sangue. Enquanto ele for conduzido por Mefistófeles, sua alma lhe pertence na vida ou na morte.

O SER HUMANO DETERMINA SEU  
PRÓPRIO DESTINO

Todos os seres humanos, quer consciente quer inconscientemente, fazem esse pacto. Conscientemente, porque eles conhecem os caminhos de Mefistófeles; inconscientemente, porque eles se deixam enganar por suas belas miragens.

Fausto assina o pacto com Mefistófeles. 1881.  
Gravura em cobre segundo um desenho de Bernhard Morlins.  
Foto AKG, Berlim.



Por que Deus permite essa tentativa? Porque o ser humano deve examinar o mundo em liberdade e escolher, ele próprio, se quer seguir seu próprio curso ou se quer retornar a seu Criador. Assim, o próprio ser humano determina seu destino.

No entanto, o retorno ao Criador somente é possível após muitas experiências. Quem escolhe o caminho do destino terrestre tem de lutar pelo discernimento que por fim lhe revelará esse outro caminho.

O poder de Mefistófeles é grande. Todavia, ele não tem poder sobre o chamado da vida original, deste sol espiritual radiante. Os serviços de Mefistófeles são ambíguos. A fronteira entre senhor e servo, entre Mefistófeles e Fausto, vai se desvanecendo cada vez mais. Apesar disso, Fausto torna-se cada vez mais consciente do opositor em seu ser. Ele alcança autoconhecimento. Percorrendo todos os âmbitos de seu desejo terrestre, ele os desmascara nessa via-

gem como sugestões de Mefistófeles que matam a alma.

À medida que o ser humano se desvia de seu objetivo original, o poder de Mefistófeles cresce. Ele fortalece o ser humano em seus pensamentos sombrios e constrói com ele um universo de vaidade, onde a norma é: esforço sem medida por poder, honra, ações, fama e concupiscência. Este é o campo de existência do ser humano, onde ele é atormentado por profunda frustração, porque o poder que obtém através de Mefistófeles não pode aproximá-lo de sua meta elevada.

Enquanto o ser humano, em seu impulso criador inextinguível, busca extinguir o anseio ardente de sua alma pela fonte primordial, o chamado vai ressoando cada vez mais alto no mais recôndito de seu ser. Ele não lhe deixa em paz, impulsionando-o até as fronteiras de seu campo cósmico de vida. O ser humano tateia estas fronteiras, porém não consegue encontrar a porta de saída enquanto sua natureza terrestre dominar.

Através de suas experiências amargas, Fausto aprende que a felicidade terrestre está em oposição à felicidade de sua alma primordial. Somente o amor divino pode ajudá-lo a deixar atrás de si as fronteiras naturais de sua personalidade.

Quando é dito, no Evangelho de Maria, que as cobiças da alma serviram um tempo como veste que tem de ser abandonada, esse pensamento também é válido para Mefistófeles. Ele não pode prosseguir e tem de ficar para trás, após ter conduzido Fausto pelo grande caminho de experiências até as fronteiras de sua existência terrestre.

\* O Espírito terrestre

## CIÊNCIA COMO RESPOSTA À BUSCA EXTERIOR

*O ser humano busca, pesquisa e inventa. Ao fim de dois séculos de revolução industrial e técnica, o homem produz. Direcionados para os «bens da terra», tanto o comércio como a ciência procuram novos caminhos para transformar matéria em ouro e poder.*

Há três séculos, impulsionada pelas seduções da matéria, a humanidade ocidental ingressou no período da revolução industrial. Naqueles dias, Goethe descrevia a vida do buscador que é introduzido no mundo dos fenômenos sensoriais por seu eu aural superior: Mefistófeles. Assim, também se pode compreender o *Fausto* de Goethe como uma advertência às novas gerações de um desenvolvimento demasiado materialista.

Fausto conseguiu tudo o que proporciona posse, poder e prestígio a um ser humano. Contudo, sua quintessência, no ápice de sua erudição, é o conhecimento: «*Sei que nada sei!*»

No entanto, por trás de seu «não-saber», ele pressente um saber superior, para o qual ele tem de amadurecer mediante a vitória sobre o mundo terrestre. Por isso, Fausto deve medir-se com a força que procura acorrentá-lo ao mundo sensorial e à matéria.

TRABALHADOR DESENFREADO E  
PENSADOR SEM ALMA

Nesse aprisionamento, o ponto de contato está no entendimento, que Goethe representa por meio do cientista estéril Wagner. Ele é o revolucionário e o pensador desorientado, que se alegra em resolver os muitos enig-

mas do mundo visível. Ele não se importa com o destino das pessoas enquanto seres vivos. Muito menos ele pergunta de onde a humanidade vem e para onde ela está a caminho. Para Fausto, Wagner é a «estéril criatura» [46]. Entretanto, ele ainda é, do mesmo modo que Mefistófeles, um tentador de Fausto.

Talvez Fausto já tenha vencido em princípio esta etapa, porém ele ainda não se tornou consciente disso. Seus atos comprovam que ele ainda não terminou essa fase.

Mefistófeles vê na razão e na ciência «*do ser humano a máxima potência*» [88], porque elas podem protegê-lo da sensualidade e de suas ilusões. Neste ponto, Mefistófeles realmente tem razão. E ele espera que Fausto, enquanto esquece as funções positivas da razão, sucumba o mais cedo possível à sedução dos sentidos.

DOMINAR OS MUNDOS VISÍVEL E  
INVISÍVEL

O ser humano esforça-se por desenvolvimento e poder.

Estimulado por Mefistófeles e Wagner, ele quer dominar os mundos visível e invisível. No entanto, seu núcleo primordial é divino e sempre o está estimulando a aspirar a valores diferentes.

No prólogo no céu, o Senhor indica Fausto como sendo seu servo, aquele que «*em confusão me serve ainda agora*» [37], mas a quem ele levará à luz. Contudo, essa «luz» somente vem da linguagem da alma que se ligou ao Espírito. Somente então o ser humano se torna consciente de que sua origem não está na matéria, porém no campo de vida divino. Ele tem de ser levado a esta



«luz». Esta é sua tarefa, para a qual ele deve abrir-se. Todavia, as situações em que Fausto se emaranha mostram que de fato ele é cego, porque temporariamente se confia a Mefistófeles. Wagner, erudito e fracote, que é a corporificação do entendimento humano terrestre, cria um homúnculo, um homem pequeno. Ele não é capaz de ir além da criação de um homem mental. Ele não pode criar vida. O cientista que, enquanto alquimista investiga os segredos da vida, deseja, ele próprio, ser um criador: porém tem de deixar a criação aos cuidados das forças naturais. Ele quer tomar o lugar de Deus, porém produz apenas uma criação mental.

Em Wagner não é o aprendiz de feiticeiro que vem a nosso encontro, liberando forças enormes, as quais então ele já não pode dominar. Seu homúnculo também não é um ser humano artificial mais ou menos como o *Golem* judaico, nem ainda uma tentativa de clonagem, pois Wagner não quer criar um corpo natural de origem animal. Pelo contrário: ele deseja dar «nobre origem» [278] a sua criação. Ele quer realizar uma idéia, ele aspira a rivalizar com o estado sublime do homem original.

Ele simboliza o extremo orgulho de confrontar a miserável inteligência humana com o Criador e, também, a possibilidade de um processo de desenvolvimento positivo. O homenzinho em um tubo de vidro é o símbolo de que Fausto se desinteressa pela existência. Ele está cansado dela. Contudo, logo muda de opinião e compreende que não poderá vencer o mundo fugindo dele. Ainda é preciso que ele vivencie muitas experiências na vida para adquirir consciência e compreensão.

imperfeita e de aparência humana, que somente pode existir em um vidro. Ele nada mais é do que a projeção de seu próprio eu. Por isso, Homúnculo descreve seu padrinho de batismo, Mefistófeles, como «primo», porque os dois são parte do desenvolvimento terrestre. Assim, podemos reconhecer em Homúnculo um aspecto do ser fáustico: ele é uma forma de expressão do que não foi redimido, que ainda tem um caminho diante de si, animado pelo desejo de, saindo de sua condição de «homenzinho», tornar-se um ser humano de verdade.

Homúnculo guia Fausto na noite de Walpúrgis clássica, na consciência onírica. Aí Fausto espera unir-se com Helena, pois ele não pode aproximar-se de suas imagens oníricas com sua consciência diurna. Ainda falta muito para que o novo homem, o homem verdadeiro, nasça em seu imo. Assim como ele ainda continua sendo Homúnculo e não passa de uma chama, um reflexo no mar das ilusões, Helena nada mais é que uma imagem velada, um sonho impossível de ser realizado. Essa imagem ideal da beleza terrestre também se revela como sendo efêmera. Para alcançar um anseio puro, é necessário realizar a purificação e o acrisolamento do coração. Quem deseja encontrar o caminho para sua origem tem de livrar-se de todos os seus interesses e cobiças pessoais.

Wagner em sua busca no interior das fronteiras da Ciência. Ilustração Pentagrama.

#### TORNAR-SE UM SER HUMANO DE VERDADE

O resultado que a ciência de Wagner produz é uma criatura artificial,

## GRETCHEN E HELENA

*Na cosmogonia germânica, a figura de Gretchen é descrita como Gerda ou Gaia, a mãe-terra. No «Fausto» aparece, além dela, a Helena grega, como símbolo do que de mais belo pode ser encontrado na terra.*

Fausto busca o feminino eterno, o perfeito, o amor divino.

Durante sua permanência na noite de Walpúrgis, Fausto tem uma visão. Ele avista, em um espelho mágico, a imagem de Helena. Ele percebe-a como uma projeção de seu anseio mais profundo. Ela lhe parece como «a síntese da criação divina» [115] e isso justamente em um instante em que ele quer dedicar-se inteiramente ao que é terrestre. Assim, o arco entre a mortalidade e a imortalidade tensiona-se em Fausto até o máximo. A medida do ideal terrestre mais elevado se impregna nele; a luta anímica se aguçava. O que ele tem de escolher? A beleza terrestre ou a celestial? O perçível ou o imperçível.

Intoxicado pela poção de amor da bruxa, Fausto encontra em seguida Gretchen, cobiçando-a apaixonadamente. Paixão e desejo superior da alma alcançam em Fausto uma oposição insolúvel.

No redemoinho interior de paixão e de desespero, Fausto ingressa na noite de Walpúrgis germânica. Ele sobe junto com Mefistófeles a montanha, onde ocorre a dança das bruxas. Abismos profundos orlam seu caminho. É o contrário da subida da montanha no caminho da libertação. O

esforço violento, mediante o qual Fausto um dia deverá amadurecer para o mais elevado, vai conduzindo-o — convertido no terrestre — para o mais profundo, para o núcleo do mal: ele encontra Lilith, «a esposa número um de Adão» [184], segundo Mefistófeles. Ela é a origem da queda, da qual se desenvolveu a existência terrestre.

Na «noite de Walpúrgis clássica», cena em que Goethe utiliza figuras da mitologia grega, Fausto encontra a figura materializada de Helena. Isto é indicado por alguns intérpretes como a expressão simbólica de que o ser humano é elevado de seu subconsciente germânico a um plano mais elevado.

O acontecimento na noite de Walpúrgis pode ser indicado como vi-

*Em Não há espaço vazio, Jan van Rijckenborgh escreve que Lilith e Lulu são duas luas dos mistérios, que agem como «guardiões do umbral». Lilith é descrita pelos antigos como uma mulher que está disposta a tudo o que é inferior e animal. A outra lua, que é alimentada com a ilusão burguesa de bondade, chama-se Lulu. Ela também é descrita como uma mulher que, através de sua bondade sem profundidade, significado e valor, desvia a humanidade, acorrentando-a ao erro. Portanto, elas são campos eletromagnéticos criados pela própria humanidade e que, por essa razão, estão ligados a ela.\**



vências na esfera astral. Nele, o ser humano é confrontado com seu passado inteiro. Fausto chega às regiões com as quais se ligou em sua vida consciente e inconsciente.

Após a vivência com Gretchen, seu próximo objetivo está estabelecido: é Helena, o ideal de beleza dos gregos antigos. Para ele, ela é o objetivo final de seu anseio.

Diante de Fausto, agora se estende um campo quase sem fronteiras, onde as forças do devir e do perecer, que sempre estão ativas neste mundo, mostram-se em toda a sua plenitude.

Fausto é acompanhado agora por Quíron, que fora mestre dos argonautas. Quíron é um semideus que busca o toσό de ouro, que podemos ver

como um símbolo da veste nupcial áurea.

É bem claro que Goethe tinha em mente os antigos caminhos dos mistérios, quando faz com que Fausto busque Helena. Quíron leva Fausto à sibila\* Manto, uma sacerdotisa de Apolo, que serve o deus em um *«templo eterno»* [299]. Ela explica a Fausto: *«Esse é a quem amo, quem almeja o impossível»* [300].

Manto faz a ligação entre o esforço fáustico e os mistérios de Elêusis, nos quais os alunos dos mistérios vivenciavam o processo de libertação da alma. O anseio pelo renascimento da alma original é certamente a condição prévia, quando se deseja seguir a senda para a origem divina. As forças que

O espelho mágico da bruxa. Gravura de Frans Simm. (1853 - 1918). foto AHG, Berlim.



acompanham o ser humano neste caminho são apresentadas por Goethe como os «cabires», os deuses do devir. Aqui é feita uma diferença clara entre as forças que Fausto experimenta como «divinas» e as que ele encontra na dança das bruxas.

Logo depois de sentir o impulso de tornar-se um novo homem, surge Helena, ou seja: a nova alma somente pode agir se houver a auto-rendição.

Portanto, após um longo esforço e uma longa busca, após malogros e ilusões, Fausto vivencia apenas uma nova ilusão: ele acredita poder achar no ideal grego de beleza a realização de seu anseio mais elevado. Contudo, aqui também ele vê, no máximo, um reflexo da harmonia maravilhosa com a beleza divina. E este reflexo, igualmente, não se mostra duradouro.

Da união entre Fausto e Helena surge Euforion, um «geniozinho nu, sem asas» [369], que é «mestre a vir de todo o Belo, a quem melodias fluem das veias» [370].

Segundo Goethe, Euforion é a poesia, porém uma poesia selvagem, que não foi purificada pela verdade e, portanto, com o tempo, já não é viável. Euforion arremessa-se nos ares e despenca mortalmente. Assim, também fica manifesto que o ideal de beleza e poesia terrestre não podem dar alimento sólido ao buscador da verdade.

«Aspiraste a um quê sublime, Mas não te foi dado obtê-lo.» [380]

Desse modo, Helena teve de separar-se de Fausto para seguir Euforion até o Hades. No entanto, um traço deste encontro grava-se nele indelevelmente. Sua veste e seus véus, um antegozo da beleza divina, ficam-lhe nos braços. Algo de seu encontro ficou-lhe gravado indelevelmente no coração. É ao mesmo tempo uma ferida e uma jóia, que o acompanhará no caminho de retorno ao reino divino que ele ainda terá de percorrer, como promessa de um bom final.

\* Rijckenborgh, Jan van. *Não há espaço vazio*. Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1984.

\* Sibila: 1) profetiza; 2) bruxa, feiticeira.

# AS AVENTURAS DO DR. FAUSTO SEGUNDO GOETHE

*Na primeira parte do drama, Fausto recebe sua incumbência. Segue-se então sua luta para obter discernimento e conhecimento. Ele faz um pacto com seu opositor interior e apaixonava-se por Gretchen.*

Uma aposta é feita no céu. Mefistófeles aposta com Deus pela alma do dr. Fausto, um servo de Deus na terra. Se Mefistófeles conseguir desviar Fausto de Deus, ele poderá arrastar-lhe a alma consigo para baixo. Deus concede poderes plenos a Mefistófeles enquanto Fausto encontrar-se sobre a terra.

À noite, em seu quarto de estudos, dr. Fausto, erudito, mago, médico e teólogo, medita sobre o sentido da vida. Ele estudou todo o conhecimento desta terra, porém verifica: «*Pobre simplório, aqui estou e sábio como dantes sou!*» [41]. Wagner, seu assistente árido, de modo algum pode compreender o desespero profundo de Fausto por causa da limitação do conhecimento. Frustrado e desencorajado em sua luta pelo conhecimento daquilo «*que a este mundo liga em seu âmago profundo*» [41], Fausto tenta cometer suicídio. Sons de sinos e cânticos de Páscoa, com sua alegre mensagem, impedem-no de esvaziar a taça de veneno.

A seguir, Fausto faz um passeio de Páscoa com seu assistente Wagner, deleita-se com a ressurreição da Natureza e mistura-se com o povo. Contudo, o sentimento de felicidade dura pouco. Com a contemplação do sol poente, o anseio insatisfeito de Fausto pelo Espírito irrompe novamente.

Enquanto Wagner, sem compreender, está a seu lado, Fausto profere: «*Vivem-me duas almas, ah! no seio, querem trilhar em tudo opostas sendas*» [64].

«*COMEÇO APENAS, E JÁ HESITO*»

Quando Fausto se dedica à noite à tradução do Evangelho de João para o alemão, já fica retido nas primeiras palavras:

«*Era no início o Verbo! Começo apenas, e já hesito!*». Um cão que acorre a seu encontro começa a fazer barulho e transforma-se, por fim, na figura de um escolar viandante: Mefistófeles. Ele se apresenta como «*parte da energia que sempre o Mal pretende e que o Bem sempre cria*» [71]. Ele diz de si: «*O Gênio sou que sempre nega*» [71].

Fausto expressa seu tédio e seu nojo pela estreiteza da vida terrestre. A seguir, Mefistófeles tenta enganá-lo, afirmando que poderia satisfazer seu anseio irrealizado. Um pacto é feito entre Mefistófeles e Fausto, que o sela com seu sangue. Com Mefistófeles a seu lado, começa para Fausto um novo trecho da vida. A primeira saída leva os dois à «*Taverna de Auerbach*», uma taverna de estudantes, onde Mefistófeles entretém os convidados com brincadeiras e feitiçarias grosseiras. De lá, eles vão direto para a cozinha da bruxa, onde Fausto contempla em um espelho mágico a imagem ideal de uma mulher (Helena) e arde de paixão por ela. Após a bruxa haver preparado para Fausto uma poção ardente de



espírito do ar Ariel. Ele faz com que espíritos livres Fausto do «*dado de amargura do remorso*» [20]. Fausto sente pulsar em si uma vida nova.

O cenário muda para o palácio do imperador, onde Mefistófeles toma o lugar do bobo da corte. Ele resolve os problemas financeiros do reino com a invenção do papel-moeda. É carnaval. Sob a direção de um arauto, inúmeras figuras mitológicas desfilam.

O próprio Mefistófeles usa a máscara da avareza. Fausto aparece como Pluto (deus da riqueza), e o imperador, como o grande Pã. Fausto impressiona a multidão por meio de «*ilusão*» [246].

A seguir, o imperador exige ver Helena e Páris em «*vultos nítidos*». Mefistófeles revela a Fausto que somente ele, Fausto, pode trazer os «*modelos máximos da mulher e do homem*» [254] se descer até as «*mães*», as deusas criadoras, nas profundezas sem tempo nem espaço. Com o auxílio de uma chave mágica, Fausto afunda na terra e chega no reino das deusas criadoras, até um tripé incandescente. Com ele, Fausto conjura Helena e Páris.

#### UMA EXPLOSÃO ACABA A FEITIÇARIA

Quando Páris se prepara para raptar Helena, Fausto fica fora de si e agarra-a. Uma explosão acaba a feitiçaria e os espíritos se desfazem em névoa. Mefistófeles leva Fausto a seu antigo quarto de estudo. Aí, tudo lhe parece inalterado desde o dia em que ele assinou o pacto com o Diabo.

Entretantes, Wagner conseguiu criar no laboratório, em um vidro, um homem artificial: Homúnculo (homem pequeno ou monstro pequeno). O vidro escapa das mãos de Wagner e flutua então sobre Fausto adormecido. Após Homúnculo ter dado uma olhada no quarto de estudo, ele percebe os sonhos de Fausto.

*«Despertando esse, um novo azar ocorre. Com o choque, na mesma hora morre. Bosque, água, cisnes, lindos nus, seu pressagioso sonho isso era»* [281].

Homúnculo aconselha Mefistófeles a visitar a noite de Walpúrgis clássica, pois Fausto somente pode ser curado





por intermédio dela. De início, Mefistófeles opõe-se, porém por fim se deixa convencer.

#### ENCONTRO NO CAMPO DE BATALHA DE OUTRORA

A cada ano, no aniversário da batalha triunfal de César contra Pompeu, as antigas figuras legendárias encontram-se no campo de batalha de outrora para uma «noite de Walpúrgis clássica». A viagem conduz agora para lá. Quando Fausto desperta, suas primeiras palavras são: «*Que é dela?*» [285].

Com o auxílio da Esfinge, do centauro Quíron e da vidente Manto, Fausto dirige-se para o Hades, para procurar Helena.

Mefistófeles tem dificuldades com

o ambiente incomum. Após ter descoberto um parentesco distante entre esfinges, lâmias e outros espectros, ele assume por fim a forma da abominável Fórquias, para poder seguir desimpedido seu caminho.

Homúnculo anseia sair de seu vidro e busca conselho com os filósofos naturais Tales e Anaxágoras. Tales indica-lhe o deus do mar, Nereu, senhor da matéria primordial. Este o envia a Proteu, o grande artista da transformação, que aconselha Homúnculo a iniciar o processo de desenvolvimento como ser humano no mar. Aos pés da bela ninfa Galatéia, ele pula de seu vidro e derrama-se como fosforescência nas águas. A noite de Walpúrgis clássica finaliza com um canto de louvor a Eros e aos quatro elementos.

#### O IDEAL DE BELEZA ELEVADO DOS GREGOS

Helena acabou de chegar de Tróia com suas servas. Quando ela adentra o palácio de Menelau em Esparta, é tomada de puro pavor ao ver Fórquias, que está sentada diante do fogo e se faz passar por ajudante. Mefistófeles-Fórquias faz Helena crer que seu cônjuge pretende sacrificá-la juntamente com suas servas por causa de sua infidelidade. A única saída seria a fuga para um castelo no Norte, onde um príncipe nobre espera por ela. Helena concorda e encontra-se novamente no pátio interior de um castelo medieval. Fausto encontra-a em trajes de cavaleiro medieval e reverencia-a como rainha. O exército de Menelau, que se

«Quem me invocou?» [44]  
O gênio terrestre aparece a Fausto.  
Desenho de Goethe, ca. 1810.

aproxima, é rechaçado pelos homens de Fausto. O matrimônio de Fausto com Helena realiza-se em campo aberto. Do seio de Helena nasce um filho: Euforion, um “*geniozinho nu, sem asas, faunozinho sem bruteza*” [369]. Ele anda aos saltos como uma bola. «*Alto mais, para que se abra a distância outro horizonte*» [376].

Embriagando-se a si próprio com todos os tipos de idéias, Euforion entrega-se a um frenesi e, tal qual Ícaro, cai morto em uma tentativa de voar. Morrendo, ele grita: «*Na vala negra e fria, Mãe, não me deixes só!*» [379].

Helena segue seu filho rumo ao reino dos mortos e deixa Fausto para trás, sozinho. De sua felicidade, apenas lhe resta o vestido de Helena, que se transforma em nuvens, levando-o consigo a uma alta região montanhosa. Aí ele contempla a formação de nuvens que se desvanece rumo ao Oriente, e a lembrança de Gretchen aumenta.

Com botas de sete léguas, Mefistófeles seguiu Fausto, que deseja novas aventuras. Mefistófeles utiliza a vantagem da hora. O reino do imperador caiu em anarquia. Com o auxílio de Fausto, o imperador pode vencer o anti-imperador. Como recompensa, Fausto recebe um trecho de praia do reino como feudo. Fausto inicia sua última obra: a aquisição de terras. Com o auxílio de Mefistófeles e de seus companheiros sombrios, surgem durante a noite desaguadouros e diques. Uma paisagem florescente com um belo palácio eleva-se das ondas. Todavia, Fausto nunca se satisfaz. Ele deseja a posse de um monte que está além de seus domínios.

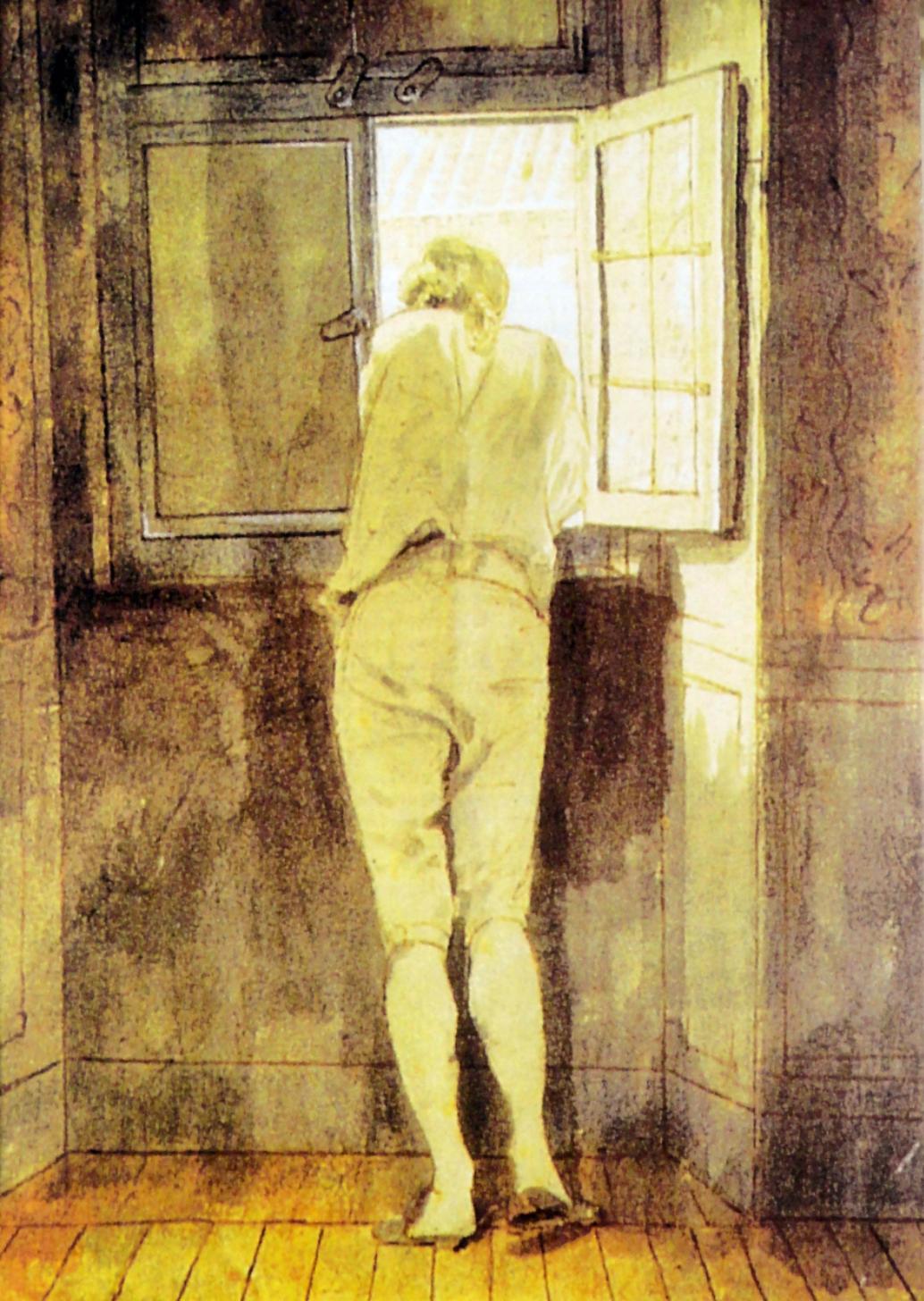
#### A APREENSÃO ENTRA FURTIVAMENTE PELO BURACO DA FECHADURA

Quatro mulheres grisalhas visitam Fausto. Elas se chamam Penúria, Apreensão, Insolvência e Privação. Três delas nada podem causar a Fausto, contudo Apreensão entra furtivamente pelo buraco da fechadura. Fausto, sem dúvida, repele-a, porém ela o repreende, e ele fica cego. «*A vida inteira os homens cegos são, tu, Fausto, fica-o, pois, no fim!*» [433].

A última hora de Fausto chega. Cego, ele forja o último grande plano e sonha com novos espaços de vida. No entanto, ele morre. Seu túmulo já está cavado. Diabos aparecem, e a goela monstruosa do Inferno se abre. Todavia, anjos voando separam Mefistófeles da parte imortal de Fausto.

Mefistófeles queixa-se: «*A alma sem par, que se me penhorara, raptaram-na, com sutil contrabando. E pra dar queixa agora, aonde, a quem me dirijo? De quem meu bom direito exijo? Logrado em tua idade vês-te!*» [443].

A alma de Fausto é alçada a alturas luminosas. «*O nobre espírito está salvo do mundo atro dos demos*» [447].



## POR QUE GOETHE CRIOU SEU FAMOSO «FAUSTO»?

*Desde jovem, Goethe buscava a verdade e o sentido da vida. Sua própria vida passava-se nas fronteiras da existência como uma luta interior. Suas afirmações e suas obras mostram que ele «tinha de esperar o que os deuses teriam mais tarde a oferecer-lhe», tal como ele mesmo observou (Eckerman, Diálogos com Goethe, segunda-feira, 21 de fevereiro de 1831). Novos conhecimentos abrem-se a seu espírito poético. Ele possuía, como nenhum outro, a faculdade de expressar as imagens da vida anímica humana.*

Inúmeras biografias procuraram e ainda procuram compreender a genialidade de Goethe em seus matizes multicoloridos. Inteligente desde cedo, e logo já festejado como gênio e autor de inúmeras baladas, poesias, romances e outras obras. Ele foi um renomado pesquisador da natureza e seu intérprete, que buscava sondar o segredo da vida em toda a sua universalidade, sobretudo o da existência humana.

Além de todas essas atividades, Goethe foi Ministro de Estado na pequena capital Weimar, que se tornou, por seu intermédio, em um centro cultural de sua época.

No entanto, Goethe foi sobretudo o poeta de *Fausto*.

Aos 70 anos, ele confessa que «já o tinha na cabeça há 50 anos, até que a obra tomou forma aos poucos».

Essa observação indica que a luta

interior de Fausto também era parte das próprias experiências de seu autor.

A força criadora poética de Goethe, sua faculdade extraordinária de expressar-se de maneira espirituosa, curta e apropriada, a variedade de sua fantasia poética, seu conhecimento, o nível elevado de seu mundo de pensamentos, tudo isto faz com que seu Fausto permaneça atemporal. Todavia, faz com que apresente também significados múltiplos, pois: «Não há um passado que se possa desejar voltar atrás. Apenas existe um novo eterno que se forma dos elementos ampliados do passado». Em sua poesia «Anseio abençoado» é dito no final: «E enquanto isto não tiveres, isto: morre e vem a ser!, és somente triste hóspede na sombria terra a viver». Com isso, Goethe refere-se à lei da metamorfose, da mudança, à qual todos os seres humanos estão sujeitos. Por isso, ele faz com que o dr. Fausto também passe por transformações sempre novas.

### EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E VIVENCIADAS

Por mais diversas que possam ter sido as funções e as realizações de Goethe em sua existência rica em mudanças, elas foram aspectos de seu ser — os quais ele viveu e vivenciou, reunindo-os em um mosaico grandioso e impressionante em seu Fausto. Quando Gretchen pergunta a Fausto: «Dize-me, pois, como é com a religião?», isto não é floreado poético, porém uma expressão da luta interior de Goethe pela resposta à questão: «o que a este mundo liga em seu âmago profundo» [41].

Para Goethe, «o mundo» era, no sentido mais amplo da palavra, idêntico à Natureza, que o cercava, e às leis que nela atuavam; era tudo o que é visível assentado em uma atividade guiada por um espírito criador. Goethe buscava e esperava alcançar o divino por meio da «revelação interior» imediata do mundo, livre do lastro dos dogmas e das tradições eclesiásticas de seus dias. Com enorme veemência, ele defendia-se contra a ciência natural nascente, introduzida por Newton, a qual trabalhava de maneira puramente analítica, pois ele temia que esta ciência criasse novos dogmas inflexíveis. «*A verdade não é coisa de eruditos, de opiniões e formas imobilizadas, de grandezas e instâncias mensuráveis.*» No entanto, o que é a verdade? Onde começa a verdade, para quem pergunta por ela? De que natureza é a verdade para quem a busca? Será que a verdade é compreensível apenas de maneira limitada, isto é, no interior do cosmo e do macrocosmo como manifestação da ordem natural dialética e de sua efemeridade? Ou ela pode manifestar-se, ultrapassando isso, como algo válido eternamente?

O QUE OS ÓRGÃOS DO SENTIDO  
PERCEBIAM NÃO ERA ALGO ABSOLUTO  
PARA ELE

Para Goethe, a verdade pode ser experimentada apenas sensorialmente, pois «... o ser humano apenas pode manter-se na fronteira do compreensível. Medir as ações do Universo está além de suas capacidades. A razão da humanidade e a razão de Deus são duas coisas muito distintas». Assim, para

Goethe tudo o que é perceptível sensorialmente não é o absoluto, porém apenas expressão e imagem do espiritual. São símbolos, que «*tal como a aparência suave de um sol escondido espalha seu brilho*». Um profundo respeito e também uma profunda humildade falam daquilo que é muito admirado e muito estimado, neste modo de pensar de Goethe, tal como ele expressa na poesia: «*Limites da humanidade*»:

*Quando o antiquíssimo Pai santo  
com mão serena semeia raios abençoados  
sobre a terra, beijo a última fimbria  
de sua veste com estremecimento  
infantil sincero no seio, pois homem  
algum deve medir-se com os deuses.*

UMA CONSTANTE GUERRA  
INTERIOR

Estas palavras testemunham de uma alma refinada. Contudo, Será que ela aspira a elevar-se acima das forças egocêntricas no ser humano? Será que ela aspira a contemplar Deus fora das fronteiras da consciência-terrestre? Goethe era um ativo infatigável, de quem um de seus inúmeros visitantes observou: «*Goethe vive em uma guerra e uma revolução constantes, uma vez que todas as coisas lhe afetam da maneira mais violenta possível*». Seu gênio estorvava-lhe em sua aspiração a contemplar Deus, forçando-o a uma participação ativa no processo criador mundial. Ele mencionou: «*Igual à Natureza em sua sabedoria, deve haver forças protetoras e impulsadoras*».

A natureza dupla de Goethe unificou ambas. Era sua vocação, com a qual ele se sentia comprometido com

grande responsabilidade. No entanto, ele com frequência a sentia como uma carga opressora. Utilizando cada momento de maneira criativa, ele expressou: «*Minha vida foi o rolar perpétuo de uma pedra, que sempre queria ser erguida de novo. Em meus 75 anos, nunca tive quatro semanas de verdadeira satisfação... Minha verdadeira felicidade foi meu pensamento e meu trabalho poéticos*». Todavia, um anseio efetivo por calma e silêncio interiores sempre esteve presente. Esta necessidade coerciva expressou-se através de uma fuga reiterada por doenças ou viagens apressadas. Mesmo quando, enquanto homem sensual, buscava o pólo oposto feminino, desde o primeiro momento ele já estava na fuga interior dessa companhia que, ainda que o fizesse feliz, o prendia. É dito na segunda parte do Fausto: «*No avanço encontre ele êxtase ou tormento, insatisfeito embora, hoje e a qualquer momento*» [432], e na primeira parte: «*Em todo o traje (símbolo de um processo de mudança renovadora) hei de sentir as penas, da vida mísera o cortejo*» [78].

#### O MUNDO SEGUE SEU CURSO

Goethe foi censurado frequentemente por não ter influenciado a política com sua arte e por não ter tomado uma posição contra a guerra e as revoluções. Goethe recusava-se a isso de maneira consistente: «*Os acontecimentos mundiais seguem seu curso, segundo suas próprias leis inerentes*». Ele via sua vocação no plano da atividade moral e espiritual. Com isto, ele conseguiu, por meio da sutileza de seu

pensamento e de seu sentimento, proporcionar a suas obras poéticas uma linguagem de beleza e profundidade imperecíveis. Por meio delas, ele expressava seus pensamentos, que ascendiam do mais profundo do coração e assim encontravam muita repercussão. Mediante sua entrega aos impulsos elevados e animadores que podia receber e graças à ótima utilização de seu «dom da palavra», Goethe pôde transmitir a seus contemporâneos os frutos da verdade eterna e absoluta. Essa verdade é a gnose. Dor, inquietude e cisão cessam em sua luz purificadora de sabedoria, e o anseio urgente de unidade com a origem pode encontrar sua realização.

#### FONTES:

- Ludwig, Emil. «*Goethe: Geschichte eines Menschen*» (Goethe, história de um homem). Zsolnay, Berlim, 1931.
- Eckermann, Johann P. «*Gespräche mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens*» (Diálogos com Goethe em seus últimos anos de vida). Dt. Taschenbuch, München, 1999.
- Friedenthal, Richard. «*Goethe: sein Leben und seine Zeit*» (Goethe: sua vida e seu tempo). Piper, München, 1993.
- Boerner, Peter. *Johann Wolfgang von Goethe*. Rowohlt, Reinbek bei Hamburg, 1999.
- Goethe, Johann Wolfgang von. «*Sämtliche Werke, Briefe, Tagebücher und Gespräche*» (Obras completas, Cartas, Diários e Diálogos). Frankfurt am Main, Dt. Klassiker, s. a.
- Goethe, Johann Wolfgang von. «*Faust, der Tragödie erster und zweiter Teil; Urfaust*». Editado e comentado por Erich Trunz. Beck, München, 1996.

## ERRATA

No primeiro parágrafo de “A Luta para Manter o Eu” da página 17 da edição N° 1 da revista Pentagrama (ano vinte e dois), onde se lê:

“É o que impede o ser humano de seguir a senda do Espírito?”

Leia-se:

“É o que impele o ser humano a seguir a senda do Espírito?”



*«O Fausto de Goethe é redimido. Goethe corrigiu as distorções do personagem. Como seres humanos terrestres, por natureza, estamos em ligação com o Diabo, quer o queiramos, quer não. Goethe libertou Fausto das garras de seu opositor e mostrou-lhe um futuro novo.»*

*(De homem amaldiçoado a homem redimido, págs. 8 e 9)*